



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Karla Regina Silva

**As expressões da resistência do povo negro por meio do samba**

Florianópolis

2023

Karla Regina Silva

**As expressões da resistência do povo negro por meio do samba**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Serviço Social.

Orientadora: Profa., Dra. Cristiane Luiza Sabino de Souza.

Florianópolis

2023

Silva, Karla Regina

As expressões da resistência do povo negro por meio do samba / Karla Regina Silva ; orientadora, Cristiane Luiza Sabino de Souza, 2023.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Serviço Social. 2. Desigualdade racial. 3. Opressão. 4. Resistência. 5. Samba. I. Souza, Cristiane Luiza Sabino de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Serviço Social. III. Título.

Karla Regina Silva

## As expressões da resistência do povo negro por meio do samba

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Serviço Social.

Florianópolis, 27 de novembro de 2023.



Documento assinado digitalmente  
**Heloisa Teles**  
Data: 05/12/2023 19:05:59-0300  
CPF: \*\*\*.314.250-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Heloisa Teles  
Coordenadora do Curso

### Banca examinadora



Documento assinado digitalmente  
**Cristiane Luiza Sabino de Souza**  
Data: 05/12/2023 09:56:34-0300  
CPF: \*\*\*.145.886-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristiane Luiza Sabino de Souza  
Orientadora



Documento assinado digitalmente  
**Nala Ayalen Sanchez Caravaca**  
Data: 04/12/2023 13:20:08-0300  
CPF: \*\*\*.968.519-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Nalá Ayalén Sánchez Caravaca  
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
**MARJORI DE SOUZA MACHADO**  
Data: 04/12/2023 14:28:56-0300  
CPF: \*\*\*.266.809-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Assistente Social Marjori de Souza Machado  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023.

Dedico esse trabalho primeiramente a DEUS por me conceder a existência, a meus mentores por estarem sempre me mostrando o caminho para a evolução de meu espírito, a minha amada bisavó Nicolina, enquanto sua permanência na terra me mostrou o verdadeiro amor, aos meus pais Paulo e Rosemary, por aceitarem nessa existência virem como meus pais me ensinando ser uma pessoa honesta e devota a DEUS, a minhas irmãs Kellen e Kathiana, por me ajudarem em minha jornada evolutiva, a minha filha Maria Eduarda, razão da minha vida, por ter aceitado resgatarmos algo de vidas passadas e evoluirmos juntas, e por fim, porém não menos importante, a meu amigo, companheiro de tantas existências, Fabian, por acreditar no amor entre pessoas diferentes aos olhos da sociedade. Amarei todos vocês  
INFINITAMENTE!

## AGRADECIMENTOS

Sou grata a DEUS por permitir que eu chegasse até o final deste curso, mesmo com diversas dificuldades. Agradeço à minha filha Maria Eduarda e ao meu esposo Fabian, por sempre apoiarem e me ajudarem nas atividades curriculares. Meus amados pais por muitas vezes me buscarem no ponto de ônibus e deixar almoço pronto para eu ir fazer meu estágio. Às minhas irmãs que correram atrás de material para que eu pudesse realizar minhas atividades.

À minha amiga Cynthia Ribeiro por incentivar minha capacidade e potencial de estar dentro de uma universidade como a UFSC. Agradeço às minhas amigas de classe, que serão amigas para vida toda, Flávia, Marina, Andressa, Monitchelle e Rosane, já citadas em minha trajetória acadêmica, mas não tenho como não agradecer-las neste momento, pois foram de extrema importância para minha permanência dentro da universidade. A meu amigo Jivago por me ajudar em minha locomoção até a UFSC e por permitir minha presença em sua sala de trabalho até minhas amigas chegarem.

Não posso deixar de citar uma mulher que muito me resgatou perdida no ponto de ônibus, me alimentava com chá, bolacha, água, Terezinha, servidora da UFSC. A professora Beatriz Paiva, que com sua simplicidade, sabedoria e empatia, transmitia as aulas acessíveis sem me constranger, a professora Cristiane Sabino, que com tanta inteligência e conhecimento, me mostrou situações referentes ao racismo que mesmo eu sendo preta, achava que eram normais algumas situações existentes. A meu amigo e anjo, Pablo Cykman, que muito fez e continua fazendo por minha permanência na universidade e na vida. À Claudionor Rosa, grande amigo que sempre me incentivou a estudar. À Mari Rota que muito me ajudou na busca de artigos e documentos que pudessem subsidiar esse estudo. Agradeço a Marcelo Silva, professor de história e amigo dos tempos de juventude, por compartilhar seu estudo comigo, que muito me auxiliou. À minha amiga, a quem depois de muitos anos reencontrei e que me ajudou com muita dedicação na elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, Adriana Souza.

A minha amiga de todos os momentos Samara e seu esposo Andrei, que com toda dedicação e solidariedade, me ajudaram na organização do meu TCC. A minha monitora, que se tornou uma grande amiga, Hadassa, que com tanta visão do mundo, empatia e principalmente com boa vontade, tornou-se meu anjo para conseguir finalizar minha monografia em tempo hábil.

Por fim, mas não menos importante, a meus cunhados, Dauri Rodrigues com seu violão, Marcio Martins com sua voz, juntamente com meu esposo Fabian com sua cuíca, agradeço por estarem juntos comigo neste momento tão importante de minha vida, compartilhando seus talentos musicais. À minhas tias, tios, primas e primos, a todas e todos, meu muito obrigada!

Hoje, no palácio do samba, reunindo gente bamba, dia e noite, noite e dia, tem baianas e passistas, mestre-sala, porta-bandeira e sambistas. (Protegidos da Princesa, 1983)

## RESUMO

As escolas de samba e o samba em si são espaços concretos e abstratos de resistência e luta do povo negro. Luta e resistência que se expressam em suas letras e enredos. Este trabalho pretende lançar luz aos personagens apagados pela história oficial e rememorados, em 2019, pelo samba *História pra Ninar Gente Grande*, que compõe o enredo apresentado pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro. Assim, o objetivo geral da pesquisa aqui apresentada foi de analisar a letra do samba-enredo “História para ninar gente grande” para identificar quais elementos históricos e políticos acerca da história de luta e resistência do povo negro e da classe trabalhadora são explicitados pela música. Como objetivos específicos buscamos: Realizar uma breve contextualização sobre a formação social brasileira para situar os processos de exploração e opressão do povo negro, bem como seus mecanismos de luta e resistência. Estudar a história do samba no Brasil e suas articulações com os processos de luta, resistência e denúncia do racismo e da desigualdade racial no Brasil. Trata-se de uma pesquisa iminentemente bibliográfica e para melhor entendimento dos leitores será abordado no primeiro capítulo uma breve contextualização da formação socio-histórica brasileira, situando os processos de exploração e opressão do povo negro, bem como seus mecanismos de luta e resistência. Na sequência será abordada a história do samba no Brasil e suas articulações com o processo de luta, resistência e denúncia do racismo e da desigualdade racial. Por fim, será apresentada a real história do descobrimento do Brasil e seus atores, por meio de análise da letra do samba-enredo, *História para Ninar Gente Grande*.

**Palavras-chave:** desigualdade racial; opressão; resistência; samba.

## ABSTRACT

samba schools and samba itself are concrete and abstract spaces of resistance and struggle for black people. Struggle and resistance that are expressed in his lyrics and plots. This work aims to shed light on the characters erased by official history and remembered, in 2019, by the samba *História para Ninar Gente Grande*, which makes up the plot presented by the samba school Estação Primeira de Mangueira, from Rio de Janeiro. Thus, the general objective of the research presented here was to analyze the lyrics of the samba plot “História para nanar gente grande” to identify which historical and political elements about the history of struggle and resistance of black people and the working class are explained by the music. As specific objectives we seek: To carry out a brief contextualization of Brazilian social formation to situate the processes of exploitation and oppression of black people, as well as their mechanisms of struggle and resistance. Study the history of samba in Brazil and its articulations with the processes of struggle, resistance and denunciation of racism and racial inequality in Brazil. Identify which historical and political elements about the history of struggle and resistance of black people and the working class are explained by music. This is an imminently bibliographical research and for a better understanding of the readers, the first chapter will cover a brief contextualization of the Brazilian socio-historical formation, situating the processes of exploitation and oppression of black people, as well as their mechanisms of struggle and resistance. Next, the history of samba in Brazil and its articulations with the process of struggle, resistance and denunciation of racism and racial inequality will be discussed. Finally, the real story of the discovery of Brazil and its actors will be presented, through an analysis of the lyrics of the samba-enredo, História para Ninar Gente Grande.

**Keywords:** racial inequality; oppression; resistance; samba.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACN	Associação Cultural do Negro
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ANB	Associação dos Negros Brasileiros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer +
MNU	Movimento Negro Unificado
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
TEN	Teatro Experimental do Negro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

### **1 INTRODUÇÃO**

### **2 CAPÍTULO I. PROCESSOS DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO DO POVO NEGRO: aspectos histórico-estruturais na formação social brasileira.**

### **3 CAPÍTULO II. HISTÓRIA DO SAMBA NO BRASIL E SUAS ARTICULAÇÕES COM OS PROCESSOS DE LUTA, RESISTÊNCIA E DENÚNCIA DO RACISMO E DA DESIGUALDADE RACIAL**

#### **3.1 ORIGENS DO SAMBA NO BRASIL**

##### **3.1.1 Evolução do samba nas escolas de samba**

### **4 CAPÍTULO III - HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO: Uma análise do samba-enredo – História para ninar gente grande**

#### **4.1 ESCOLA DE SAMBA MANGUEIRA**

##### **4.2.3. a trajetória de importantes homens e mulheres negros e negras na construção do Brasil que se amalgama por Marias, Marieles, Lecis e Jamelões**

### **5 CONCLUSÃO**

### **REFERÊNCIAS**

## 1 INTRODUÇÃO

A escravidão deixou marcas na formação social de um país que, ancorado numa estrutura racista, reproduziu ao longo de décadas estereótipos negativos acerca da população negra que contribuíram para a sua marginalização e para o apagamento de suas raízes.

Moura (2021) em seu livro, *Negro, de bom escravo a mau cidadão?* busca reconhecer os valores que permeiam o estereótipo expresso no título de sua obra, “bom escravo, mau cidadão” o qual, ao ser reproduzido continuamente expressa como essa construção tornou-se funcional a uma sociedade estruturalmente racista como é o caso do Brasil.

Em tom de questionamento Moura (2021, p. 18) dirá que o bom escravo poderia ser aquele que, “[..] vivia na senzala trabalhando, aceitando a sua condição de escravo passivamente, sujeitando-se, social e ideologicamente, aos padrões impostos pelos seus senhores.” enquanto que o mau cidadão figuraria naquele sujeito “[..] livre que procura, através da sua conscientização, levantar o problema da situação racial do Brasil e encontrar soluções, globais ou parciais, para ela”.

Em suas análises Moura (2021) deixa pistas de que essas concepções se fundam por expectativas irreais de uma branquitude, que num passado não tão distante, via o bom escravo a partir de atitudes de submissão e concordância alienada à uma ordem de exploração e que verá como maus aqueles sujeitos que, como forma de consciência e resistência, se oporão a condição de desumanização à qual foram e são submetidos até os dias de hoje.

Muito embora possamos constatar avanços em legislações antirracistas e de incentivo, por exemplo, ao estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas<sup>1</sup>, a desigualdade fundada no contexto escravidão ainda perpassa inúmeras vidas negras que existem e resistem no Brasil, pois a desigualdade oriunda desse processo jamais foi superada. Da educação ao mercado de trabalho, “[...] *o país com a segunda maior população negra do mundo*” (Pereira, 2012, grifo nosso) lida com a permanente disparidade entre negros e brancos no acesso e permanência no ensino e na qualificação e ocupação no mercado de trabalho, assim como nos espaços políticos de poder.

---

<sup>1</sup> Um processo, aliás, muito recente, pois apenas a partir de 2003 tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas por meio da Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Segundo o estudo, *Jovens Negros e o Mercado de Trabalho* realizado pelo Núcleo de Pesquisa Afro do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e pelo Instituto de Referência Negra Peregum (Santana *et al*, 2022, p. 41), “Mesmo quando a população negra supera os muitos obstáculos educacionais, ela tem retornos mais baixos do investimento em educação no mercado de trabalho. Esse cenário é apontado tanto pelos dados quantitativos quanto qualitativos”. .Relatorio nexa: jovens negros e o mercado de trabalho.

De acordo com a referida pesquisa, esse seria o maior desmotivador para jovens negros seguirem nos estudos e de se inserirem no mercado de trabalho uma vez que, “[...] Suas inserções no mercado de trabalho permanecem precárias e não condizentes com sua formação.” (Santana *et al*, 2022, p. 41).

O documento (Santana *et al*, 2022) ainda vai discutir as trajetórias e características que conformam a chamada “geração nem-nem” que no Brasil é composta majoritariamente por jovens negros (27, 9%) e negras (44,7%), o que não se dá ao acaso uma vez que são estes os mais afetados pelas múltiplas expressões da questão social, quais sejam: a pobreza, a violência e discriminação de gênero, raça, etnia e orientação sexual enfrentando ainda maior dificuldade de acesso à saúde, à educação e ao trabalho.

Segundo Tokarnia (2022), “cerca de 60% dos trabalhadores e trabalhadoras informais no Brasil, por exemplo, são negros e negras. Essa parcela da população ocupa apenas 6,3% dos cargos gerenciais e menos de 5% das posições executivas. Quase metade das mulheres negras são inativas.” e ao relacionarmos com dados apresentados na pesquisa de Schutz (2019) veremos que são elas que predominam ocupações de vagas em trabalhos domésticos, o que ocorre como resultado de uma estrutura social racista que tem raízes históricas germinadas na constituição do Brasil. Cássio Casagrande dirá que,

A razão para isso pode estar enraizada no modelo escravagista que permeou as relações sociais brasileiras para além da questão racial, tendo influenciado no modo como a sociedade brasileira faz a valoração do trabalho manual, em especial aquele prestado no âmbito doméstico, o que comprova a notória discriminação a que estão relegados, até hoje, os trabalhadores domésticos, cuja origem pode ser remontada àquele modelo de trabalho. (Casagrande *apud* Campagnoli; Neivert, 2013, p. 19)

Os dados supracitados apresentam a conjuntura moderna de um país no qual a classe dominante, sobretudo através do Estado e seus aparatos ideológicos, impõe a ideia de que se vive cujo povo acredita constituir-se enquanto uma democracia racial

Neste cenário de desigualdade nas condições de vida da população negra, importa salientarmos, haja vista os objetivos deste trabalho, que o samba foi e continua sendo um local de trabalho e de resistência, não apenas de muitos cantores e compositores negros, mas de uma série de trabalhadores e trabalhadoras que se inserem nas mais diversas atividades vinculadas à produção do Carnaval, revelando-se como uma alternativa, através da arte, para o sustento de muitos, o que será melhor aprofundado posteriormente.

Assim, o objetivo geral da pesquisa aqui apresentada foi de analisar a letra do samba-enredo “História para ninar gente grande”, da Escola de samba Estação Primeira de Mangueira (2019) para identificar quais elementos históricos e políticos acerca da história de luta e resistência do povo negro e da classe trabalhadora são explicitados pela música. Como objetivos específicos buscamos: Realizar uma breve contextualização sobre a formação social brasileira para situar os processos de exploração e opressão do povo negro, bem como seus mecanismos de luta e resistência. Estudar a história do samba no Brasil e suas articulações com os processos de luta, resistência e denúncia do racismo e da desigualdade racial no Brasil. Identificar quais elementos históricos e políticos acerca da história de luta e resistência do povo negro e da classe trabalhadora são explicitados pela música.

Este trabalho pretende demonstrar que a realidade brasileira está distante dessa pretensa democracia, o que será apresentado no decorrer dos capítulos, tendo como fundamentação teórica autores como Lélia González (2021), Clóvis Moura (2021, 2023), Michael Hanchard(2001) e Marcelo Braz(2013), Marcelo Silva (2000) entre outros, para subsidiar as análises do citado samba e o retrato que ele possibilita da vida da população negra no Brasil, juntamente com dados e informações coletados por meio de pesquisas realizadas em diversos portais *online*.

Trata-se, assim, de uma pesquisa bibliográfica voltada a aprofundar a temática a que se propõe estudar a partir da análise de diferentes fontes textuais, uma vez que entende-se como relevante a análise e compreensão deste universo, qual seja: a compreensão da arte enquanto expressão da resistência de um povo. Espera-se reconhecer elementos históricos e políticos expressos na letra do samba analisado, o qual se propõe a narrar histórias de luta e resistência do povo negro e da classe trabalhadora no Brasil numa perspectiva oposta à da historiografia oficial.

A música *História para ninar gente grande* da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, da cidade do Rio de Janeiro, foi a escolhida para representar a Escola no desfile do carnaval do ano de 2019, tornando-a, mais uma vez, campeã do carnaval carioca. A canção

é de autoria dos compositores Luiz Carlos Maximo Dias, Silvio Moreira Filho, Danilo de Oliveira Firmino, Deivid Domenico Ferreira Lima, Marcio Antonio Salviano, Ronie de Oliveira Machado, Tomaz Disitzer Carvalho de Miranda e Manuela Trindade Oiticica.

O central neste trabalho é explicitar as formas com que o samba foi e segue sendo espaço de luta, resistência e denúncia do racismo e da desigualdade racial no Brasil revisitando a rica história do samba brasileiro desde suas origens africanas até sua evolução nas escolas de samba, destacando o papel essencial do samba na expressão da identidade afro-brasileira e na promoção da igualdade racial. Serão apresentadas figuras que moldaram e influenciaram esse gênero musical, personalidades como João Nogueira, Zeca Pagodinho e Noel Rosa serão analisadas em detalhes, enfatizando suas contribuições únicas para o gênero e seu impacto duradouro na música brasileira.

Quanto à justificativa de escolha do tema, destaco que a minha trajetória enquanto estudante da Universidade Federal de Santa Catarina foi um tanto complicada devido a falta de empatia de alguns professores, colegas e servidores. Professores que, sabendo da minha condição de pessoa com deficiência visual/cega, não se esforçaram minimamente para reconhecer e atender minhas necessidades, essenciais para o acompanhamento do conteúdo ensinado. Colegas que na ausência de minhas amigas, não se interessavam em tentar me ajudar e servidores que contribuíram com a estrutura burocrática e engessada da Universidade, dificultando o processo de consecução de materiais adaptados para subsidiar a escrita do trabalho, sobretudo o acesso a livros que pudessem ser adequados em tempo hábil para utilização nesta pesquisa.

Ainda assim, mesmo com vários impedimentos vindos da comunidade acadêmica, por amar estudar e pelo incentivo e apoio de minhas amigas, Flávia Silveira, Marina Rezende, Monitchelle Bianchi, Rosane Leandro e Andressa Cadorin, juntamente com minha filha Maria Eduarda e meu esposo Fabian Velho, passei pelas disciplinas de pesquisa I e pesquisa II chegando finalmente ao trabalho de conclusão de curso.

A escolha da temática deste trabalho se deu por minha proximidade com o samba e com as escolas de samba nas quais, desde sempre, desfilei, mesmo depois de ter ficado cega. O samba e o carnaval fazem parte da minha história e da história de minha família.

Meu esposo, há muitos anos é ritmista de escola de samba e hoje está como diretor de cuíca; minha filha começou como passista e hoje é rainha de sua escola, Protegidos da Princesa, de Florianópolis; meu falecido tio, Caloca, era diretor financeiro de sua escola e fez parte da liga do carnaval de Florianópolis. Nosso contato com o carnaval perpassou ainda a

esfera do trabalho, indo além da passarela. Foi meu tio-avô dentro da casa de minha bisavó quem fundou, juntamente com alguns amigos, o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de samba Os Protegidos da Princesa, no dia 18 de outubro de 1948. Meu pai, mãe, irmãs, esposo e eu mesma fazíamos fantasias e sapatilhas para conseguirmos uma renda extra no carnaval e um dos meus cunhados hoje faz parte do grupo musical de uma agremiação.

Com isso, dada a importância do samba e do carnaval em minha história de vida, inicialmente, havia pensado em pesquisar sobre a importância do trabalho dentro de uma agremiação de samba da cidade de Florianópolis. Neste sentido, o intuito era elaborar uma pesquisa de campo composta por entrevistas com as(os) costureiras(os), artesãs(os), grupo musical, coreógrafas(os) e bailarinas(os) da ala de frente, mestre de bateria, diretores e ritmistas, entre outros. O objetivo principal era apresentar a importância do Carnaval, sobretudo o desfile das escolas de samba, no sustento de famílias e comunidades que vivem do samba em Florianópolis, bem como analisar e discutir sua tradição enquanto uma representação artística e cultural que tem sua origem entrelaçada com a história da população negra no Brasil. Pretendia ainda problematizar a invisibilidade da população negra que, muito embora tenha em sua tradição uma relação intrínseca com o carnaval e com o samba, hoje tem sua participação escamoteada, sobretudo nas telas de TV 's nos dias de desfile, tendo seu protagonismo muitas vezes resumido às confecções de fantasias e alegorias, ou seja, a parte que ninguém vê e que a TV não mostra. Enquanto os brancos, em sua maioria, estão em destaque no reduto que, por excelência, é dos negros.

Contudo, devido aos prazos e a necessidade de enviar o projeto de pesquisa ao comitê de ética, por se tratar de uma pesquisa de campo envolvendo seres humanos tornou-se inviável a execução da proposta inicial.

Depois de tanta aflição para mudar o tema da pesquisa, já havia um vasto conteúdo pesquisado sobre o tema trabalho dentro de um barracão de uma escola de samba. Entre muitas lágrimas, crise de ansiedade, conversas com minha família, amigas e com minha professora e orientadora Cristiane Sabino, que diga-se de passagem, eu admiro muito, decidi pesquisar mais profundamente sobre a luta, opressão e resistência do povo negro através do samba. Esse desejo surgiu também devido à minha inserção na disciplina optativa de Tópicos Especiais IV, ministrada pela professora Cristiane Sabino remotamente no ano de 2020, em contexto de pandemia e que abordava a questão racial e o serviço social. Retomar os debates desenvolvidos nessa disciplina abriu uma nova perspectiva de direção do tema inicialmente pensado.

Em princípio não conseguia pensar exatamente como fazer e onde encontrar material acessível à leitura com meu leitor de tela (*JAWS* e *NVDA*), entretanto, com mais calma, percebi que muitos conteúdos que já havia pesquisado serviriam, ao menos em partes, para essa nova pesquisa, pois o tema ainda era samba/carnaval. Algum material eu já tinha ao fazer a disciplina Tópicos Especiais IV, porém senti necessidade de buscar mais conteúdo e, por não conseguir acessibilidade em encontrar, recorri os conteúdos digitais em sites onde o acesso era viável com meu leitor de tela. Junto a isso, alguns livros selecionados pela orientadora foram adaptados pelo serviço de acessibilidade da Universidade, mas grande parte do material não pode ser acessado por não estar adaptado.

Deste modo, chegamos ao resultado que será apresentado a seguir, uma aproximação do samba enquanto forma de luta e resistência da população negra. O TCC está dividido em três capítulos: no primeiro apresentamos uma breve contextualização da formação socio-histórica brasileira, situando os processos de exploração e opressão do povo negro, bem como seus mecanismos de luta e resistência. Na sequência será abordada a história do samba no Brasil e suas articulações com o processo de luta, resistência e denúncia do racismo e da desigualdade racial. Por fim, será apresentada a real história do descobrimento do Brasil e seus atores, por meio de análise da letra do samba-enredo, *História para Ninar Gente Grande*.

## 2 CAPÍTULO I. PROCESSOS DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO DO POVO

### **NEGRO: aspectos histórico-estruturais na formação social brasileira.**

*"Sendo o Brasil a maior população negra fora da África, seria forçoso e coerente que nós, negros brasileiros, ocupássemos posições dignas em todos os setores de atividades vitais e relevantes do país. Fôssemos considerados forças produtivas e fecundas, tanto pela nossa capacidade como mão de obra ativa e potente em todos os níveis de produção — intelectual, econômica, social e política etc. — e como alimentadores culturais vivos e dinâmicos que mantêm em movimentos criativos permanentes os patrimônios socioculturais dessa nação."*

(Clóvis Moura, Alerta Negro '81, 2023, p. 322)

Muito embora a história oficial tenha sido utilizada como ferramenta de domínio ideológico e opressão pelas classes dominantes, sua repercussão foi malograda nas tentativas de marginalização e apagamento das muitas memórias de luta e resistência dos diversos movimentos populares do Brasil, sobretudo do movimento negro.

A despeito destas inúmeras e seculares tentativas de silenciamento, a resistência do movimento popular negro tem se mantido e se fortalecido, a ponto de atualmente não ser mais possível, num debate lúcido, a defesa da imagem da sociedade brasileira como um exemplo de democracia racial, a qual se constitui enquanto, “[...] uma ideologia através da qual se justifica o processo discriminatório contra o negro, jogando-se nos seus próprios ombros a responsabilidade da sua discriminação.” (Moura, 2023, p. 26).

Será a escravização do negro africano, a partir do século XV, subsidiária do sistema escravagista no Brasil Colonial responsável pelas riquezas e males que marcaram a constituição desta nação, “O sistema escravista determinou em toda a extensão geográfica do Brasil o seu ritmo de desenvolvimento e o conteúdo fundamental das suas relações interétnicas.” (Moura, 2023, p. 44).

Naquele período os negros eram comercializados em um mercado livre de compra e venda de escravos, onde eram humilhados e submetidos como mercadoria (Silva, 2018). Os senhores analisavam seus dentes, pois para eles, os dentes sadios mostravam o quanto o negro iria lhe render trabalho. A idade desses negros era aproximadamente entre 15 anos a 25 anos,

quanto mais velhos fossem menos eram considerados úteis ao trabalho e as meninas quanto mais novas melhor, pois serviriam como reprodutoras o que as submetia a intensa violência sexual em detrimento da reprodução de mão de obra escrava. O tráfico de negros era feito por navios que os exportavam como mercadorias em porões, amarrados e acorrentados, em situação precária e insalubre (Silva, 2018).

A situação só se modificou em 1850, quando, cedendo à pressão inglesa, o Brasil aprovou, no dia 4 de setembro, a Lei Eusébio de Queiróz. Assinada pelo próprio Eusébio de Queirós, ministro da Justiça, a rígida lei conseguiu praticamente acabar com o tráfico negreiro e em 1851 só 700 escravos entraram no país. (Geledés, 2023).

O fim legal do tráfico negreiro a partir da Lei Eusébio de Queiróz não impediu a continuidade da escravidão. Muito embora a lei tenha sido acompanhada de medidas de repressão a essa atividade, culminando no fim do tráfico negreiro a partir de 1856, no país a escravização do povo negro se perpetuaria ainda por mais de trinta anos até a libertação abstrata firmada pela Lei Imperial n. 3.353 de 13 de maio de 1888, conhecida como Lei Áurea, assinada pela então, Princesa Isabel do Brasil.

Ainda que os livros de história insistam em narrar o grande feito protagonizado pela princesa “redentora”, importa destacarmos a forte atuação dos movimentos negros e quilombolas no processo de abolição ocorrido no Brasil.

O texto do artigo, *Os Quilombos e a luta de classes no Brasil*, publicado na Revista Debate Sindical de autoria de Clóvis Moura (1996) apresentará a perspectiva da luta de classes a partir da ocorrência da escravidão no Brasil, rememorando a resistência indígena e negra contra o “[...] estatuto da escravidão” (Moura, 1996, p. 43).

O processo de quilombagem foi uma constante, sobretudo no período colonial em que estes locais serviam de refúgio contra a escravização. O quilombo tornou-se um símbolo da resistência e da luta de classes que, no Brasil Colônia, será expresso pela contradição entre senhores e escravos, ou seja, o antagonismo entre a população negra explorada e um sistema colonial explorador composto sobretudo por europeus portugueses. Ao comparar o sistema de exploração que ocorria com os operários europeus com o sistema escravista colonial, Moura (1996, p. 44) dirá que,

Enquanto na Europa os operários tinham relações contratuais com os exploradores, regulamentando a venda de força de trabalho, na área do sistema colonial havia um tipo de relação nas quais os trabalhadores eram considerados simples coisas, na

qualidade de escravos, circulando eles próprios como mercadorias que podiam ser vendidas da mesma forma como era vendido um saco de açúcar ou cacau por ele produzido.

O autor (Moura, 1996, p. 45) aponta que, “[...] foram quase quatrocentos anos de trabalho escravo, com os quilombolas lutando de forma radical contra o regime.” dos quais um exemplo emblemático de resistência e luta será a República de Palmares.

Palmares originou-se no final do século XVI ou início do XVII a partir da fuga de 40 negros e suas famílias que se multiplicaram, prosperaram e resistiram por quase cem anos.

A República Palmarina constituiu uma economia comunitária e igualitária o que possibilitou ainda a formação de um exército. Sua representatividade política e social foi exemplo e incentivo a luta contra o sistema escravista, sistema que organizou-se para pôr fim a Palmares. Acerca de seu fim, Moura (1996, p. 48) relata que,

O que a levou a ser condenada e extinta foi a sua estrutura comunitária, que se chocava com o sistema baseado na escravidão. Aqui parece estar a chave da questão. Palmares foi a negação, pelo exemplo de seu dinamismo político e social, da estrutura escravista. O seu exemplo era um desafio permanente e um incentivo às lutas contra o sistema colonial no seu conjunto.

O massacre ocorrido na Serra da Barriga (Pernambuco/ Alagoas) pôs fim à República de Palmares mas não calou a luta contra a exploração do povo negro no Brasil que seguiu carregando este feito histórico como estandarte de resistência, e “[...] legado de protesto na consciência coletiva dos descendentes de Palmares [...] despertando os descendentes de Zumbi [...] para darem continuidade ao legado palmarino.” (Moura, 1996, p. 48).

O período pós-abolição será marcado pela constituição de elementos responsáveis por fazer perdurar uma estrutura desigual, violenta e racista e que muito embora tenha saído do sistema colonial escravista, mantém, agora com outros contornos, uma economia dependente da economia externa ainda ancorada na exploração da população negra, “O imperialismo entra como o componente externo de dominação da mesma forma como o sistema colonial dominou o modelo escravista.”(Moura, 2023, p. 46). Todavia, essa exploração ocorrerá escamoteada sobre o signo da libertação decretada em 1888, fazendo crer que livre, tudo podia o povo negro.

O que a história oficial tenta ocultar é o fato de ter gerado um exército de trabalhadores livres e marginalizados que serviram muito bem para o rebaixamento dos salários e para a exploração ampliada de uma classe trabalhadora que desde sua formação já se caracteriza precarizada. “A abolição no Brasil é feita conservando-se o latifúndio. As classes dominantes continuam praticamente as mesmas. *Isso determina um trauma naquelas populações negras e mestiças egressas das senzalas que ficam sem ter onde se situar social e economicamente nesse tipo de estrutura.*” (Moura, 1996, p. 46, grifo nosso).

A economia dependente que sucede o sistema colonial escravista mantém às margens um vasto contingente populacional predominantemente negro atingidos pela forte influência ideológica de uma branquitude racista que constrói durante anos esteriótipos que servem de ferramenta para oprimir e violentar o povo negro sendo utilizado ainda como, “[...] elemento justificador da sua atual situação de marginalização no conjunto da sociedade brasileira, mesmo levando-se em consideração as nuances diferenciadoras nas nossas diversas regiões.” (Moura, 2023, p. 21).

Neste cenário é comumente reproduzida pelo senso-cumum uma noção de passividade que beira ao desinteresse, como se o povo negro nada fizesse para resistir à posição que lhes foi submetida. Nada mais distante do que a real história de luta e resistência que não nos contaram. A luta contra a escravidão, antes e depois de Palmares, marco da resistência negra no período colonial, é fiel testemunho da força de raízes que não foram capazes de arrancar.

Foi intenso e árduo, e é ainda contínuo, o processo de organização do negro brasileiro contra um sistema que insiste em colocá-los à margem, todavia, a população negra segue se organizando.

Da Primeira República (1889-1930) até a década de 1980, ou seja, nos primeiros 100 anos de liberdade formal, a população negra brasileira irá se organizar e alçar novos espaços na sociabilidade brasileira. A organização como forma de resistência que vem desde os quilombos até as favelas, refletirá numa sociabilidade constituída entre os afro-brasileiros que irá desde as áreas de educação e trabalho até as mais abrangentes como os movimentos políticos, sociais e culturais, exigindo seu lugar no espaço social que se desenhava.

Moura (2023) dirá que, não fosse essa organização, a população negra estaria fadada à destruição, isso, devido ao intenso processo de discriminação que se segue após a “Lei Áurea” até nossos tempos. Essas organizações surgem com o intuito de disseminar a cultura e religião próprias que foram se consolidando num misto entre os costumes herdados de África com os costumes e crenças adquiridos por sua relação com os colonizadores.

Assim, na busca de manter vivas as raízes e de obter espaço dentro de uma sociedade excludente, as organizações negras pós-abolição vão se avolumando e tomando seus lugares no espaço social. Cooperativas, clubes de lazer, instituições religiosas e órgãos culturais são fundados como movimento de resistência, dando vez e voz às suas origens étnicas outrora sufocadas, ao passo em que construíam sua história nas terras de cá sem olvidar o que lhes trouxe até aqui. (Moura, 2023).

O preconceito de cor, por seu turno, impedindo que os negros ingressem em uma série de entidades e instituições, determina a criação de entidades negras como clubes de lazer, cooperativas, escolas de samba, órgãos culturais etc. Esses grupos estruturados basicamente nas cidades são organizações de resistência social e étnica. (Moura, 2023, p. 91-92).

Muito além de espaços religiosos e de lazer, a população negra amplia seus canais de expressão intelectual, artística e cultural. Um exemplo deste momento é o surgimento da imprensa negra independente trazida por Moura (2023) em sua análise acerca das organizações negras em São Paulo. À época (Primeira República), circulavam entre os clubes e entidades negras, jornais com caráter informativo acerca dos acontecimentos da comunidade. Noticiava-se casamentos, aniversários, falecimentos, eventos culturais, como bailes, servindo ainda como meio de comunicação para escritores e poetas que desejavam publicar seus trabalhos (2023).

Um dos primeiros jornais associativos da comunidade negra paulistana foi o Menelik, criado em 1915 pelo poeta negro Deocleciano Nascimento. O Menelik surge na “[...] tentativa dos próprios negros de se integrarem à sociedade brasileira e também pelo início da constituição de uma consciência racial que mais tarde ganharia força dentro da comunidade.” (Nabor Júnior, 2015). Seu nome foi pensado enquanto uma homenagem ao rei da Etiópia Menelique II, exemplo de poder para o povo negro, falecido dois anos antes do surgimento do jornal. Acerca da criação e finalidade do jornal, seus fundadores vanguardistas disseram,

[Este jornal] É mensal porque destina aparecer de mez a mez. É noticioso para travarmos conhecimentos de factos que se dão e passam sem prévio conhecimento da classe nossa. É crítico (só entre a classe) para colher os ditos filosóficos que navegam nos lábios desse povo. É literário para mostrar ao mundo a sabedoria que ocultamente vagueia no cérebro da classe. É dedicado aos homens de cor para prestar-lhe homenagens. (O Menelick, Outubro de 1915). (Nabor Júnior, 2015).

Em 1924 foi a vez do jornal *O Clarim d'Alvorada*, idealizado por Jayme de Aguiar. Inicialmente o jornal surge com a intenção de disseminar valores éticos e morais compatíveis com a ordem social vigente numa tentativa de promover a integração dos negros a partir de uma pretensa adequação de valores e comportamentos defendidos em seus muitos artigos. Segundo Santos (2021), havia uma direção claramente, “[...] preconceituosa em relação à maioria da população negra.” dotada de culpabilização por sua condição de marginalização.

De acordo com Renan Rosa Santos (2021) em 1928, tendo a direção editorial assumida por José Correia Leite, o jornal passa a construir uma postura mais crítica e combativa numa perspectiva de despertar para uma consciência política e de articulação da população negra. (Santos, 2021). Importa destacar que antes mesmo dessa transição de uma fase mais conservadora para outra mais progressista, o processo de mudança d’O Clarim da Alvorada já havia se iniciado, o que se tornava perceptível pela bem assumida postura na luta contra o preconceito e a discriminação racial (Santos, 2021).

Uma das possíveis razões para a mudança de perspectiva é também atribuída a aproximação do jornal com o movimento negro internacional por meio de contatos com os jornais, *Negro Word*, de Marcus Garvey e *Chicago Defender*, sendo este último considerado à época o maior órgão da imprensa negra estadunidense. (Santos, 2021). Essa nova postura é retratada na edição de setembro de 1930 em que consta, Segundo Santos (2021, p. 13, grifo nosso),

Em letras garrafais na primeira página, logo abaixo do título do jornal: “A GRANDE DÍVIDA BRASILEIRA – duplamente sacrificada ei-la no silêncio do velho solar a embalar o Brasil pequenino...” (O Clarim da Alvorada. São Paulo, 28 de setembro de 1931, p. 01). Uma proposição bem diferente daquela apresentada sobretudo nos dois anos iniciais de publicação do jornal. **A memória acerca da escravidão é mobilizada de diferentes formas pelos articulistas d’O Clarim da Alvorada. Além dessa noção da existência de uma dívida histórica para com os negros, a escravidão era memorada no sentido de conferir legitimidade à presença negra no Brasil**, uma vez que, devido à hedionda prática, o negro teria sido um dos agentes produtores das riquezas da nação brasileira e do próprio povo brasileiro, dialogando assim com o mito das três raças [...].

Na década de 1930 também em São Paulo foi fundada a Frente Negra Brasileira, importante organização de luta e defesa dos direitos da população negra. A Frente Negra possuía uma estrutura muito mais organizada que os jornais do início da Primeira República, sobretudo em seu aspecto político, o que inclusive favoreceu a consolidação de bases que possibilitaram a organização de um partido político em 1936 (Moura, 2023). Todavia, seus

êxitos foram sucedidos pelo golpe militar de Vargas que, “[...] Sete anos depois de empossado na presidência [...] fechou a organização política Frente Negra Brasileira, em 1937, juntamente com todos os outros partidos políticos.”, portanto, “Os brasileiros negros perderam um dos poucos veículos de expressão de que dispunham.” (Hanchard, 2001, p. 128).

Na década seguinte (1940) até meados dos anos 1970 o movimento negro tem uma organização muito mais direcionada a cultura e a arte. Hanchard (2001, p. 125) dirá que a partir da instalação do Estado Novo passando pelo período de intenso terror com o regime militar de 1964, o movimento negro teve de “[...] revestir sua linguagem e sua prática de formas indiretas, ambíguas e fragmentadas, sob o véu da prática cultural e, mesmo assim, em consonância com as definições do Estado e da elite sobre o que constituía as culturas afro-brasileira e brasileira.”.

Este período será marcado pela criação de organizações como o Teatro Experimental do Negro (TEN) fundado por Abdias do Nascimento em 1944, um ano antes do fim do Estado Novo, a Associação dos Negros Brasileiros fundada em 1945 por José Correia Leite, co-fundador do jornal O Clarim D’Alvorada, mencionado anteriormente, e a Associação Cultural do Negro (ACN) fundada por José de Assis Barbosa em 28 de dezembro de 1954.

Muito embora tenham contribuído enormemente para o ativismo negro brasileiro e a luta pela igualdade de direitos entre negros e brancos, estas organizações ainda estavam muito presas às tendências normativas da época, quais sejam, “[...] ascensão social e necessidade de uma elite negra [...]” (Hanchard, 2001, p. 131).

Este contexto experimentará mudanças mais marcantes por volta dos anos de 1970 a 1990, apresentando organizações intelectuais, culturais e políticas bastante influenciadas pela política de esquerda, dotando o movimento negro daquele período de um viés ainda mais crítico e questionador da estrutura política, social e econômica do país. Hanchard (2001, p. 132) chamará esse processo de mudanças no movimento negro como de uma, “virada ideológica” em que se abandona os aspectos de conformismo e de tentativas de ascensão social, agora atribuídas a valores estatais e elitistas pertencentes a branquitude burguesa.

Dada a abertura democrática que se inicia no governo Geisel em 1974 e sobretudo a partir do oferecimento de anistia aos exilados políticos em 1979, por este governo, o movimento negro irá se aproximar de novas ideias políticas trazidas por ex-exilados que realizaram contato com uma nova esquerda desde demais países da América Latina, Europa Ocidental, Estados Unidos, entre outros que viveram experiências de formação de

movimentos e partidos com uma perspectiva que considerava para além da questão da luta de classes, a influência de elementos como diferença sexual, raça e ecologia.

No Brasil essa tendência chega trazendo uma maior heterogeneidade e com forte apelo popular o que permite uma maior adesão de uma juventude mais crítica e afeita a organização política (Hanchard, 2001). Todavia, segundo Hanchard (2001), o que de fato teve mais influência sobre as novas práticas do movimento negro brasileiro foram as insurreições “terceiro mundistas” que ocorreram na Ásia, África, América Latina e Caribe, insurreições não brancas que vieram servir de exemplo para as manifestações simbólicas que congregaram diferentes segmentos do movimento negro, que compartilhavam um elemento em comum,

[...] **o cansaço com os modelos existentes de práticas políticas transformados em mercadoria e num sentido existencial, arrancados de suas raízes.** O samba e a umbanda haviam-se nacionalizado tanto que grandes segmentos da classe média branca haviam saltado sobre eles, reivindicando-os como seus, em contraste com as épocas anteriores do século XX em que o samba era considerado em reduto da classe baixa, tanto negra quanto branca. (Hanchard, 2001, p. 133).

Ainda na década de 1970 a resistência da população negra ganha evidência com a constituição do Movimento Negro<sup>2</sup> Unificado (MNU), o qual irá agregar à luta anti-racista diversos setores da sociedade da época, entre eles o setor cultural. A criação do MNU evidencia a relação entre o samba e os movimentos de resistência, visto que marcada pela participação de importantes personalidades do samba, como o emblemático Candeia, que defendeu a reparação de anos de subordinação do povo negro em despeito a uma integração que se propunha conciliadora, mas que contribuiu para o apagamento do samba em seu sentido mais autêntico, qual seja, uma peça fundamental que mantém vivo o patrimônio sociocultural dessa nação. Por meio de pressão e atuação incessantes, o movimento negro organizado denunciou as condições de vida da população negra brasileira.

Neste cenário, ganha destaque um movimento que teve bastante expressão nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, o *Black Soul*. Surgido nos Estados Unidos, o movimento Black Soul chega ao Brasil trazendo novas formas simbólicas por meio da música e da dança que irão se integrar com o que já havia construído no cenário cultural afro-

---

<sup>2</sup> O que denominamos movimento negro é, na verdade, um conjunto de movimentos sociais que lutam contra o racismo e pela igualdade social e de direitos entre negros e brancos, sobretudo no mundo ocidental, marcado pela escravização de povos africanos (Hanchard, 2001).

brasileiro. Segundo Hanchard (2001, p. 134), "O Black Soul foi um dos vários fenômenos da diáspora africana em que pessoas de origem africana de um determinado contexto nacional-cultural apropriaram-se de algumas das formas simbólicas e materiais de outro."

O Black Soul contribuiu para o processo de identificação entre os negros do Brasil a partir dos simbolismos da cultura africana que vinha sendo difundido por este movimento não só no Brasil como em outros países, ademais, afirma-se que muitos dos elementos que compunham o *Black Soul* serviram ao desenvolvimento de outros estilos musicais como o Funk e o Charme. Indo para além dos bailes, alguns grupos se formaram e passaram a reproduzir fotografias a partir de slides que retratavam cenas de protestos e outros acontecimentos da comunidade negra norte-americana, o que acabava por envolver aqueles que assistiam de modo que se reconheciam nos sujeitos que observavam nas telas.

Um exemplo trazido por Hanchard (2001), é *Wattstax* (1972), trata-se de um documentário com filmagens do Concerto, de mesmo nome, realizado em homenagem aos 7 anos do que ficou conhecido como "distúrbios de Watts". Ocorrido em 1965 a partir de protestos da comunidade afro-americana que vivia em Watts, bairro de Los Angeles, devido à truculência policial com a qual era tratada sua população, o confronto entre a população e a polícia durou cerca de 6 dias e deixou vários mortos e feridos sendo recordado pelos movimentos negros norte-americanos até hoje.

Este movimento ganha força ainda no período da ditadura, sobretudo em seu período mais intenso (1969-1970) em que era comum haver muita restrição nas expressões artísticas que possuíssem qualquer teor político evidente, neste sentido a censura não ficará de fora do movimento Black Soul e haverá vigilância e controle sobre o que era transmitido em seus eventos. Elementos como problemas raciais e o movimento *Black Power* deveriam ser censurados, dado o temor da elite civil e do governo de que a ideologia transmitida neste meio pudesse influir no ocasionamento de confrontos e protestos extremados.

Na época em que recebeu cobertura da mídia, no fim da década de 1970, o Black Soul foi criticado pelo governo militar – que procurou invocar a ideologia cada vez mais falida da democracia racial – e que pelas elites civis que se opunham à ditadura mas que, apesar disso, acreditavam que os expoentes do Black Soul estavam fomentando o ódio e o conflito raciais. Os dois setores [elite e governo militar] viam o Black Soul como um fenômeno que precisava ser controlado. (Hanchard, 2001, p. 137).

Cercado por críticas de diferentes grupos e segmentos da sociedade brasileira que apontavam a importação da cultura afro-americana e o distanciamento da cultura afro-brasileira combinados ao temor dos “perigos” que a influência deste movimento poderia ter nas organizações políticas o Black Soul, “[...] foi um movimento catalisador da política baseado na identidade que, hoje em dia, vem tendo prosseguimento nos blocos africanos e em diversas outras organizações.” (Hanchard, 2001, p. 135).

Neste capítulo buscamos apontar o quanto, na formação social brasileira, a população negra, apesar do seu contributo inegável à existência do país, foi rebaixada e submetida a condições de desumanização. Suas expressões culturais, dentre elas o samba, sempre foram perseguidas e vistas com desconfiança e apenas quando apropriadas pela classe média branca, são aceitas como expressões da cultura nacional. Como aponta Clóvis Moura:

Desde a repressão violenta no passado, no caso dos quilombos, ou por meio de simples reclamações porque estão perturbando o sossego público, o atrito é permanente, variando de grau. Certas zonas urbanas não aceitam essas organizações negras, especialmente escolas de samba, alegando que são muito barulhentas. (Moura, 2023, p. 91-92).

No capítulo seguinte buscaremos aprofundar as discussões acerca do samba no Brasil e suas articulações com os diversos processos de lutas do povo negro no país.

### **3 CAPÍTULO II. HISTÓRIA DO SAMBA NO BRASIL E SUAS ARTICULAÇÕES COM OS PROCESSOS DE LUTA, RESISTÊNCIA E DENÚNCIA DO RACISMO E DA DESIGUALDADE RACIAL**

*Mas de onde é que veio o samba, seu doutor perguntou, veio do Rio de Janeiro ou Salvador? Eu respondi no contrapé, vou lhe dizer de onde é que é, foi dos quadris de uma mulher que veio o samba. Mas sempre ouvi dizer que o samba, seu doutor insistiu, veio da África direto pro Brasil.”*

( De onde veio o samba, Paulo César Pinheiro e Luciana Rabello, 2023).

#### **3.1 ORIGENS DO SAMBA NO BRASIL**

Nesta seção, iremos explorar as influências culturais africanas que deram origem ao samba, destacando seu surgimento no século XVI. A migração forçada de africanos escravizados para o Brasil e a interação entre diferentes grupos étnicos desempenharam um papel fundamental na formação do samba. Investigaremos ainda como as letras das músicas e os enredos das escolas de samba narram os mais variados aspectos políticos, sociais e econômicos que refletem a realidade das comunidades periféricas, destacando a história invisibilizada da população negra.

Ao longo de sua história, o samba serviu como voz de resistência e denúncia contra o racismo e a desigualdade racial no Brasil, sendo por isso uma ferramenta poderosa para conscientização e transformação social. Silva (2000, p. 7) dirá que o samba pode ser compreendido enquanto uma "[...] música popular e folclórica, que sofreu diversas influências, com seus processos de transformação e de resistência, sendo efetuados pelas camadas populares."

Sua história remonta às raízes africanas trazidas ao Brasil durante o período da colonização. De acordo com Nei Lopes (1992), o surgimento do samba como ritmo musical popular ocorreu no século XX na cidade do Rio de Janeiro, mas suas origens remontam desde o século XVI no Brasil Colônia. Há diversas polêmicas em relação ao exato local onde se origina o ritmo, sendo que muitos apontam a Bahia como o berço do samba.

Acerca desta gênese múltipla e plural Nelson da Nobrega Fernandes (2001, p. 42) dirá,

A existência de tantas manifestações que poderiam ser denominadas samba mostra que este, enquanto um gênero musical definido, simplesmente não existia, assim como torna-se impossível postular-se, como pretenderam vários de seus poetas, que o samba tenha nascido exclusivamente na Bahia. É claro que havia muitos aspectos comuns entre essas manifestações, uma delas foi o uso da “semba”, “a umbigada com que se transmite a vez de dançar no samba de roda”, no jongo e batuques de São Paulo, Pernambuco e Bahia (Carneiro, 1957: 113). A palavra samba é corruptela de “semba”, e será ela que irá “designar a música urbana herdeira do lundu e da modinha, impregnada dos ritmos fundamentais africanos”, que vai surgir entre as décadas de 1910 e 1920 no Rio de Janeiro.

A difusão do samba no Brasil se deu a partir do estreito conhecimento da cultura africana por parte da população negra que a partir de encontros religiosos que aconteciam em terreiros manifestavam sua cultura e religião (Lopes, 2006).

Surgindo num contexto de resistência e afirmação da cultura negra no Brasil, atribuía-se ao samba “[...] qualquer estribilho batucado, de feição africana. De origens diversas, esses refrões ou coros vinham da Bahia, das fazendas do Sudeste, do Agreste nordestino etc. e eram difundidos principalmente a partir de comunidades negras.” (GELEDÉS, 2013).

Para identificar as origens do samba, Neves (2013) retorna ao século XVIII, em vista dos processos de transformação de alguns centros urbanos das principais cidades do período do Brasil colonial (Salvador e Rio de Janeiro), nos quais conforma-se uma classe trabalhadora livre composta majoritariamente por negros e brancos imigrantes. Neves (2013) dirá que, na cidade do Rio de Janeiro, “negros e mestiços<sup>3</sup>” eram maioria em trabalhos como a estiva (carga e descarga de embarcações), em baixas patentes do exército (praças) e, havendo proximidade com algum trabalhador público, conseguiam baixos postos no serviço público (Neves, 2013).

Contudo, vale frisar dois pontos: o primeiro refere-se a esclarecer que mesmo antes da abolição da escravatura (1888) já havia considerável contingente de homens e mulheres negros e negras libertos e livres e o segundo ponto trata dos postos de trabalho, muito embora tenhamos mencionado acerca de algumas áreas que congregavam um contingente considerável de trabalhadores negros, a situação não era a mesma em todos os estados da

---

<sup>3</sup>Termo utilizado pelo autor citado, todavia salientamos que os chamados “mestiços” são aqui entendidos como negros.

federação. Em São Paulo, por exemplo, a força de trabalho era composta majoritariamente por imigrantes que ocupavam cerca de 84% dos postos na indústria (Neves, 2013).

Estas explicações se fazem relevantes para melhor apresentar a gênese do samba enquanto ritmo que se popularizou, tendo como precursores muitos destes trabalhadores. Neves (2013, p. 123) dirá que, “[...] serão justamente estes negros os futuros criadores do samba, junto a mulatos e brancos pobres (e outros nem tão pobres), e também ciganos, nas freguesias do Centro e da Zona Portuária do Rio de Janeiro.”.

Atualmente, pode-se dizer que o samba se constituiu como um dos ritmos que melhor representa a cultura brasileira, e suas letras são populares em todo o país. No intuito de explicitar a representatividade deste gênero musical na cultura brasileira apresentamos a música “Caminhos do samba”, de Pocho Pérez (1969), interpretada por Humberto Marçal e Trio Pagão, a qual coloca o samba no centro das expressões culturais brasileiras, ao ressaltar que,

O samba é da terra do café, do algodão, do cacau, borracha e pedras preciosas, da terra da vitória régia, da pororoca, de Copacabana, Brasília, é da terra do tucano, arara e sabiá O samba também é da terra de Santo Dumont Jorge Amado, Oscar Niemeyer, Portinari, Osvaldo Cruz, Lucio Costa, Carmem Miranda, Villa Lobos, Chico Buarque de Holanda, Tom Jobim, Roberto Carlos, Elis Regina, Pelé, não podendo deixar de citar Zeca Pagodinho, João Nogueira, Noel Rosa, Cartola.

O discorrer da canção é uma verdadeira aula de história sobre a constituição do país e irá exaltar suas belezas naturais e sua cultura, referenciando os quatro cantos do Brasil e grandes representantes da música brasileira. A letra ainda expressa a origem do samba, ao passo que nos revela sua relação com o passado escravocrata do país, para posteriormente descrever os instrumentos que constituem este ritmo musical. Vejamos,

Alô, amigos, sou o ritmo mais popular de um grande país E o meu nome é samba  
Sou muito conhecido hoje em dia em todo o mundo Mas poucos sabem a minha história  
Pois bem, vou contar-lhes um pouco de mim **Nasci no século XVI Na época da colonização na minha terra** Sou originário do batuque africano Minha etimologia é muito discutida. [...] para que o samba tenha vida, é preciso de alguns instrumentos de percussão como o chocalho, que é uma versão brasileira das maracas, do tamborim, uma caixa chata e pequena, coberta de um lado de pele e aberta no outros e é tocado com uma pequena vareta; o afoxé, ele é semelhante a maracas, mas um pouco maior e coberto por várias fileiras de contas e é tocado rolando contra a palma da mão; O agogô, uma série de 02 a 03 cones de aço de tamanhos diferentes unidos a uma vareta longa, e é tocado batendo os cones com uma haste de aço; O reco-reco é uma prancha de madeira cheia de ranhuras igual a uma tabua de esfregar roupas, e é tocado deslizando uma vareta para cima e para baixo; O pandeiro é equivalente ao tamborim, sendo de forma redonda, tendo nas laterais pequenos pratos de metal, e tocado com um movimento contínuo das mãos; A cuíca se a semelha ao congo, dentro do tambor a uma haste de madeira ligada a pele e se estende até a extremidade aberta e toca-se esfregando com força a haste

com um pano húmido; A frigideira é uma pequena panela de aço sem tampa, toca-se batendo com uma vareta também de aço no seu fundo; O ganzá é um cilindro de estanho longo e côncavo cheio de pequenas pedras, é tocado fazendo o mesmo movimento de uma coqueteleira. (Pérez, 1969).

Uma breve análise desta histórica canção é bastante reveladora quanto a essência constitutiva do samba, qual seja, um ritmo musical que está para além da música em si, sendo em verdade, uma manifestação cultural que expressa a identidade e a espiritualidade afro-brasileira. O ritmo musical do qual o samba se originará irá percorrer o Sertão Baiano até o Rio de Janeiro com formas rítmicas variadas que compartilham o fato de serem de origem popular.

Indo desde o Raiado Baiano ao Partido Alto Carioca, o samba será expresso por uma variedade rítmica que marcará na década de 1930-1940 a constituição do samba-enredo substituto de um ritmo conhecido como marcha-rancho sendo ainda agregado às demais estruturas musicais, a exemplo de ritmos de origem europeia como a Polca (Silva, 2000). Assim, conforma-se o samba como um, “[...] gênero popular produzido a partir dessas mesclas: folclore brasileiro - batuques, cateretês - e influências estrangeiras [...] criado com base em ritmos africanos, (conhecidos genericamente como batuques) e desenvolvido por negros, brancos e mestiços do Rio de Janeiro.” (Silva, 2000, p. 11).

E assim, entre muitas transformações e agregações, o samba é hoje, nas palavras do autor Victor Neves (2013, p. 123), “[...] um estilo particular de música popular urbana.”

A seguir, concentraremos nossa atenção na maneira como o samba se tornou uma poderosa forma de resistência e celebração da cultura negra, particularmente no Rio de Janeiro em que as rodas de samba, os terreiros e as festas tradicionais representaram espaços de afirmação cultural e espiritual da comunidade afro-brasileira.

### **3.1.1 Evolução do samba nas escolas de samba**

*“A grande paixão que foi inspiração do poeta é o enredo que emociona a velha guarda lá na comissão de frente como a diretoria. Glória a quem trabalha o ano inteiro em mutirão, são escultores, são pintores, bordadeiras, são carpinteiros, vidraceiros, costureiras, figurinista, desenhista e artesão. Gente empenhada em construir a ilusão. E que tem*

*sonhos como a velha baiana que foi passista brincou em ala dizem que foi o grande amor de um mestre-sala O sambista é um artista e o nosso tom é o diretor de harmonia. Os foliões são embalados pelo pessoal da bateria. Sonho de reis, de pirata e jardineira pra tudo se acabar na quarta-feira. Mas a quaresma lá no morro é colorida com fantasias já usadas na avenida. Que são cortinas, que são bandeiras, razões pra vida tão real na quarta-feira. É por isso que eu canto [...]*”

(Martinho da Vila, 1997).

Na década de 1930, o samba ganhou popularidade significativa por meio das escolas de samba. Exploraremos como estas organizações musicais, como a Mangueira e o Salgueiro, desempenharam um papel fundamental na transformação do samba em um dos ritmos mais emblemáticos da cultura brasileira. A competição entre escolas de samba durante o Carnaval incentivou a inovação e a criatividade, dando ao samba uma plataforma de visibilidade nacional e internacional. (Silva, 2018).

Segundo Silva (2018), o samba é um gênero musical típico de nosso país, e sua forma moderna consolidou-se nas comunidades afro-brasileiras instaladas no Rio de Janeiro, no começo do século XX. Surgido como uma dança de roda marcada pelo batuque, o samba transformou-se em um gênero de canção popular do Brasil e um dos símbolos do país no exterior.

A difusão do samba pelo país foi, em grande parte, resultado da popularização das escolas de samba na década de 1930 e também da reprodução das canções desse gênero musical pelo rádio. Com o passar do tempo, a evolução do samba levou ao surgimento de subgêneros, como samba-enredo, pagode, bossa nova, entre outros.” (Silva, 2018).

Segundo, Tureta e Araújo (2013, p. 114-115), “As escolas de samba surgiram no Rio de Janeiro na década de 1920, apesar de terem permanecido por muito tempo sem uma denominação definitiva, oscilando entre bloco e escola de samba propriamente.”

O termo escola antes da palavra samba, também tem ambiguidades sobre o seu surgimento. Para alguns, surge a partir de encontros realizados entre o cantor e compositor Ismael Silva junto aos principais sambistas cariocas do Estácio, tradicional bairro do Rio de Janeiro. Naqueles encontros formava-se uma roda de samba próxima a antiga escola normal<sup>4</sup>,

dado este fato, e também por ensinarem pessoas a tocarem o incipiente gênero musical, o grupo passou a se autodenominar escola como de fato uma escola. Um dos motivos dos encontros serem próximo a antiga escola normal, era para que a sociedade abastada não tivesse preconceito e nem os expulsassem desse local, pois eles estariam estudando e não fazendo baderna como muitos diziam. Próximo a essa antiga escola era localizada a corte real, exatamente no centro da cidade (Fenae Agora, 2013).

Segundo Simas (2016) com o tempo consagrou-se a história de que a utilização do termo “escola de samba” teria sido uma invenção de Ismael Silva para designar a agremiação “Deixa Falar”, sediada no bairro Estácio de Sá. Todavia, Simas (2016) aponta que esta versão é pouco aceita e apresenta como mais provável a inspiração o nome do famosos “Rancho Ameno Resedá”<sup>5</sup> o qual era designado como Rancho Escola, sendo esta versão portanto o real motivo de os sambistas adotarem a denominação utilizada para designar as agremiações carnavalescas que surgiram.

Nestas agremiações carnavalescas tornou-se tradição compor letras conhecidas como sambas enredos que embalavam os desfiles de carnaval, estas letras abordavam e ainda abordam elementos histórico-patrióticos a partir de uma perspectiva que retrata a realidade vivida pela população marginalizada pela historiografia oficial, estes enredos desvelam uma realidade que, de outra forma, permaneceria invisibilizada, especialmente aquelas que retratam aspectos oriundos das camadas periféricas do país como o caso dos afro-brasileiros.

Acerca deste aspecto de narrar a história popular brasileira em suas letras de samba e samba-enredo, Marcelo Braz (2013), em seu texto, *O samba entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil*, traz importantes argumentos sobre a história do samba e sua relação com as lutas da classe trabalhadora no Brasil. Para o autor há uma relação de complementaridade entre a questão social e a questão cultural e o samba é um ótimo exemplar desta relação.

A estrutura de classes que se formava entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX interferiria na composição urbana, redefinindo o espaço social da cidade (especificamente, o Rio de Janeiro) que estava em processo de transformações significativas. Como veremos, é nesse contexto que o samba urbano carioca se constitui como um produto social das atividades socioculturais de diversificadas camadas de trabalhadores. Se, por um lado, vivenciam as inúmeras mudanças do país e da cidade afastadas de seus centros decisórios, por outro, manifestam através da cultura (e do samba,

---

<sup>4</sup> Escola destinada ao ensino de magistério.

<sup>5</sup>O Rancho Ameno Resedá foi um famoso espaço de agremiação carnavalesca fundado em 1907 na cidade do Rio de Janeiro.

especialmente) sentimentos de classe contraditórios, que ora se mostram resignados, ora revoltos, mas que, de algum modo, exprimem determinadas formas de resistência cultural (BRAZ, 2013, 79)

No mesmo livro organizado por Braz (2013), Augusto de Lima (2013, p. 98-99) assina um capítulo denominado *samba, história e a questão racial e social*, no qual explica que,

Entendo que a pobreza, as condições de vida degradadas, a violência, o desemprego, as desigualdades econômicas e sociais e outras mazelas da classe trabalhadora são expressões do processo de exploração capitalista e, portanto, expressões da “questão social” no mundo globalizado e organizado pelo sistema capitalista. Contudo, além das contradições entre capital e trabalho, existem outras desigualdades que coexistem com a exploração capitalista e são peculiares a algumas formações sociais, desencadeando lutas e resistências contra todo tipo de dominação, que também integram a “questão social”.

Lima (2013, p. 111) explica ainda que, diante da segregação dos espaços públicos e da extrema desigualdade social e racial no Brasil, sob os quais os sambistas eram frequentemente perseguidos,

O samba pode ser considerado um dos instrumentos de penetração do afro-brasileiro na sociedade branca. E nesse processo a perseguição aos sambistas foi grande. Sérgio Cabral (1996) cita alguns depoimentos como o de Donga: “O fulano da polícia pegava o outro tocando violão, este sujeito estava perdido. Perdido! Pior que comunista, muito pior ...” (p. 27); ou de João da Baiana:<sup>33</sup> “A polícia perseguia a gente. Eu ia tocar pandeiro na festa da Penha e a polícia me tomava o instrumento” [...].

Nei Lopes (1992) apontará em seu livro, *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical*, o processo de reconfiguração do espaço urbano no Rio de Janeiro o qual resultou na expulsão das classes subalternas do centro da cidade, direcionando-as para a periferia, onde ocuparam as áreas adjacentes à linha férrea. Esse processo de desocupação das áreas centrais desempenhou um papel crucial na história da consolidação do samba carioca urbano, marcando o local de surgimento desse gênero musical no Brasil. A criação reforçada das periferias ocorreu como uma estratégia para “limpar” a cidade, impondo a ideia de que as favelas deveriam ser destinadas a negros e pobres. Esse processo resultou na negação e expulsão dessas comunidades de locais às quais historicamente costumavam frequentar.

A criação de leis e decretos proibindo religiões de origem africana, entre outras manifestações dessa cultura, como a feitiçaria, capoeira, o curandeirismo etc. é mais uma investida truculenta de um estado racista que age na tentativa de apagar a identidade desses

povos a partir da criminalização de seus costumes. Atualmente situações como as citadas ainda se repetem e a população negra continua a enfrentar preconceitos associados às mesmas causas. Neste sentido Lima (2013, p. 116) reforça a importância do samba e do carnaval no processo de afirmação da população negra e de enfrentamento contra as tentativas de apagamento da cultura africana e afro-brasileira, o autor dirá que,

O carnaval tornou-se outro momento, principalmente a partir do final do século XIX, através do Entrudo, do Zé-pereira, dos cordões como o dos Velhos e dos Cucumbis, ambos com predominância negra (Cabral, 1996), em que os foliões brincavam de maneira desordenada e mesmo violenta, e eram perseguidos pela polícia. Os ranchos, fundados por afro-brasileiros, mais bem organizados, ganharam a tolerância das autoridades. Dessa forma, já no século XX, a participação no carnaval de rua da população pobre, majoritariamente afro-brasileira, foi nos ranchos e blocos carnavalescos, organizações baseadas na solidariedade grupal, com seus membros cotizando-se financeiramente e enfrentando dificuldades para a legalização de suas agremiações junto às autoridades policiais, pois era necessário tirar licença para desfilar.

Foram obstáculos consideráveis àqueles enfrentados pelas escolas de samba e pelos sambistas na tentativa de que o samba fosse reconhecido enquanto expressão cultural crucial para a sociedade brasileira. Enfatizamos mais uma vez que todas essas barreiras derivam do racismo estrutural e das estruturas de domínio de classe. O samba, originalmente uma expressão da cultura negra e uma manifestação predominantemente negra, foi inicialmente marginalizado e sujeito à criminalização. Somente ao entrar nos espaços controlados pelos brancos é que começou a ser aceito, embora, simultaneamente, tenha sido desvirtuado e transformado em mercadorias inacessíveis para a maioria negra marginalizada.

A apropriação da cultura carnavalesca do samba remonta da década de 1920 a 1930 quando passou a ganhar espaço nas elites nacionais e internacionais, notícias circulavam acerca da “[...] chegada de turistas estadunidenses em navios luxuosos, a presença de ingleses na semana que antecedia o carnaval, além de turistas argentinos, chilenos e uruguaios [...]” havia ainda grande divulgação por parte da prefeitura do Rio de Janeiro que utiliza como “estratégia de marketing” “[...] a produção de vídeos dos ranchos e grandes clubes para propaganda e divulgação no exterior, com objetivo de atrair a elite da Europa e dos Estados Unidos.” (Turetta; Araujo, 2013, p. 119)

Como bem já apontamos, dada a origem popular das escolas de samba, surgidas em bairros constituídos majoritariamente por pessoas negras, as agremiações carnavalescas eram consideradas como uma expressão cultural marginal, todavia, esse cenário irá se transformar

por volta da década de 1930 a partir da aproximação de intelectuais e artistas de renome com músicos populares, o que irá evidenciar que, “[...] desde o início, as escolas de samba surgem não como uma entidade fechada em si mesma, mas como uma organização aberta, cujas fronteiras não podem ser claramente definidas e estabelecidas a partir de dicotomias como popular/elite, tradição/modernidade, negro/branco.” (Turetta; Araújo, 2013, p. 115-116).

Com o povo na vitrine do projeto político de Getúlio, o samba carioca é elevado ao status de símbolo nacional. O sambista passa a ser valorizado e alvo de atenção do governo e da imprensa. Se o projeto nacional varguista passava pela hegemonia dos setores populares, o samba não poderia ficar de fora e se portou como expressão muito eficiente para esse processo de normatização. Aceitou as normas, as subvenções e conseguiu construir os desfiles no centro da cidade. (Vargues, 2013, p. 204).

A conjuntura de apoio às manifestações culturais populares, sobretudo ao carnaval é uma forma de garantir a simpatia das camadas marginalizadas da população ao governo de Vargas, cujo projeto denominou-se “populista” ao passo em que permite maior controle sobre as expressões artísticas populares.

[...] o Estado Novo percebeu nas escolas de samba um conjunto de manifestações culturais formado da organização de comunidades representativas das camadas populares da capital; dentro de sua orientação de aproximação com o povo, isto é, de fazer com que a hegemonia se assentasse sob os segmentos populares, seria de grande relevância dar apoio estatal para financiar as escolas de samba. (Vargues, 2013, p. 204).

A aproximação do governo Varguista com o carnaval culmina no reconhecimento da população “citadina” que passa a ter uma nova perspectiva acerca da festividade outrora marginalizada, contando para isso com apoio da imprensa, esta “[...] já se mostrava bastante afeita ao evento, desaparecendo, quase por completo, as designações de selvageria, barbárie ou incultura em relação às escolas de samba.” (Vargues, 2013, p. 204). “Ampliando seu patrimônio e estabelecendo trocas com segmentos das elites e da classe média urbana, o movimento das escolas de samba vai aos poucos ajudando a modificar o lugar do negro e sua produção cultural na sociedade carioca.” (Vargues, 2013, p. 208). Se por um lado essa aproximação com as elites e o governo favorecem em grande medida o desenvolvimento das escolas de samba e portanto do Carnaval, por outro lado, este processo vai, sorrateiramente apagando a real essência com que as agremiações se formam e com o que elas de fato representam, sobretudo para a população afro-brasileira.

Na década de 1970 o carnaval já havia se constituído como grande expressão da cultura brasileira, dentro e fora do país, é neste mesmo período que insere-se na fase mais intensa da ditadura militar brasileira com críticas ao crescimento “excessivo” das escolas de samba ganham lugar na pauta dos movimentos populares, sobretudo o movimento cultural negro, que via neste processo o signo da mercadorização daquilo que fora construído pela população marginalizada e que agora serve como forma de lucrar a partir da venda de uma imagem de um país alegre e festivo, o país onde negros e brancos se igualam, o país da democracia racial, era o que queriam vender os segmentos das elites que avançam sobre o samba e o carnaval com uma pretensa proposta de integração que em realidade apagava a história de luta e resistência do povo negro e seu protagonismo muito bem expresso pelos sambas-enredos que marcaram época (Vargues, 2013).

Ao nos debruçarmos sobre a origem e vivência das escolas de samba constatamos que o povo negro luta por igualdade social e peleja contra o preconceito, racismo e opressões sociocultural, mostrando sua resistência e determinação (Vieira, 2016). De acordo com Lima (2013, p. 116),

É exatamente Paulo da Portela que talvez encerre com mais nitidez a estratégia e a luta dos afro-brasileiros para conquistar espaço, fazer com que o corpo negro adentre no espaço que lhe é segregado. Ele sabia das dificuldades e desafios, as barreiras do preconceito e da discriminação. Ele vislumbrou que a construção das escolas de samba, um território majoritariamente afro-brasileiro, não segregado aos brancos, poderia abrir a brecha para a penetração do afro-brasileiro na sociedade racista brasileira. Uma penetração que não fosse do indivíduo, mas do grupo. Uma reterritorialização. Como diz Sodré (1988 e 1998), uma tática que não é somente simples prática de contrariedade do poder, mas um movimento que dá continuidade e afirma valores culturais afro-brasileiros, trazendo dentro de si ambiguidades, avanços e recuos. De modo que pensar a história do samba é pensá-lo não só como gênero musical em constantes contatos e recriações, mas também como cultura no seu sentido antropológico, com os sujeitos que a produzem num tempo histórico, em certas condições materiais de existência, numa determinada sociedade – no caso, a brasileira e carioca – em que a condição social de sua população se mescla indissociavelmente com a sua negritude, ainda que sua história tenha também participação de brancos. Assim, a questão social no Brasil não é possível de ser pensada omitindo ou deslocando a questão racial. Historicamente, politicamente, culturalmente, socialmente, ideologicamente, a questão racial sempre esteve presente, de uma maneira ou de outra. Está no chão de nossa história. O que espanta não é a invisibilidade da questão racial como questão social, afinal, trata-se de luta política. Mas sim o esforço, analítico, de invisibilizar a questão racial no samba, posto que cultural e socialmente ela sempre esteve presente.

O capítulo apresentado explorou a rica trajetória do samba no Brasil, desde suas raízes africanas até sua transformação como potente expressão cultural de luta e resistência,

denunciando o racismo e a desigualdade racial. O samba segue sendo expressão de extrema relevância para a celebração da cultura afro-brasileira e sobretudo na promoção da igualdade racial, destacando a necessidade de preservar e valorizar essa tradição musical única.

## **4 CAPÍTULO III - HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO:** Uma análise do samba-enredo – História para ninar gente grande

### 4.1 ESCOLA DE SAMBA MANGUEIRA

Nos próximos parágrafos, faremos uma breve apresentação da escola de samba Estação Primeira de Mangueira e na sequência iremos adentrar na análise do samba-enredo *História para ninar gente grande*, objeto de estudo do presente trabalho.

Fundada em 28 de abril de 1929, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira foi uma das primeiras agremiações carnavalescas fundadas na cidade do Rio de Janeiro pelo então Bloco dos Arengueiros, o qual podemos conceber como a gênese da famosa escola. Seu nome é uma referência a localização de sua sede, próxima ao Morro dos Telégrafos também chamado de Morro da Mangueira tendo entre seus fundadores Agenor de Oliveira, mais conhecido como o célebre sambista Cartola (1908-1980), Foi Cartola quem escolheu as cores verde e rosa para representar a escola em homenagem a memórias de sua infância uma vez que eram estas as cores da agremiação carnavalesca Rancho do Arrepiado, de Laranjeiras de sua infância na qual seu pai tocava. Além de Cartola, eram membros fundadores da escola Carlos Cachaça, Nelson Cavaquinho, Jamelão, Beth Carvalho, Lecy Brandão, Alcione, Chico Buarque e Nelson Sargento (Duarte, 2019).

Em 1932 a Mangueira vencerá a disputa da primeira competição entre escolas de samba do Rio de Janeiro, vencendo também consecutivamente nos dois anos seguintes feito que a consagrou tricampeã carioca.

Dentre os muitos compositores que passaram pela escola ao longo de sua existência, Hélio Turco foi aquele que teve o maior número de sambas escolhidos para representar a Mangueira, totalizando 16 sambas enredos dos quais 5 levaram a escola ao título de campeã.

A Mangueira se destaca ainda por ser a única escola de samba a protagonizar um bis, em 1984 com enredo “*YES, nós temos Braguinha*”, percorrendo o caminho de ida e volta na passarela da Sapucaí a pedido do público. “A escola acumula 18 títulos: 1932, 1933, 1934, 1940, 1949, 1950, 1954, 1960, 1961, 1967, 1968, 1973, 1984, 1986, 1987, 1998, 2002, 2016 e 2019. Em 1984, foi realizado um supercampeonato e a Mangueira também foi campeã.” (Duarte, 2019).

Compõe-se como característica da escola sua tradição em compor sambas-enredos em forma de homenagens às principais figuras do Brasil, do samba e da cultura afro-

brasileira. Campeã de 1984 a 2016 por seus enredos consagratórios, a escola homenageou Braguinha em 1984, Dorival Caymmi em 1986, Carlos Drummond de Andrade em 1987, Chico Buarque em 1998 e em 2016 recebe o título com homenagem a Maria Bethânia. “Nesse período, apenas o título de 2002 não foi conquistado com uma homenagem: o enredo exaltou o Nordeste.” (Duarte, 2019).

Com a letra do samba *História para ninar gente grande* a escola Mangueira deu imensa voz a grupos marginalizados das narrativas oficiais, mostrando a história do Brasil pelo ponto de vista das minorias sociais que sempre sofreram com a violência e o apagamento das suas lutas e memórias. A letra trás também, sobre o apagamento da população indígena e sobre a forte e sofrida escravidão no país (Mangueira, 2019). A escola realmente indica que as invisibilidades do passado não podem mais ser toleradas e mostra o enorme impacto no jeito de pensar a memória e identidade em nosso país.

Em seguida, vamos entender o que a escola desejou mostrar em cada trecho explanado em sua letra.

#### 4.2. Análise do samba-enredo *História para ninar gente grande*

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
A mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões  
São verde-e-rosa as multidões.  
(Histórias Para Ninar Gente Grande - Mangueira, 2019).

No decorrer deste capítulo iremos abordar a trajetória do samba como espaço de luta e resistência do povo negro a partir da análise da letra do samba-enredo História para ninar gente grande. Iniciamos com a letra do samba na sua integralidade, a qual será analisada a partir dos seus aspectos principais: A crítica à historiografia oficial e aos “heróis emoldurados”; a diversidade do povo brasileiro e suas lutas expressas nas histórias não retratadas “das mulheres, tamoios, mulatos”; a trajetória de importantes homens e mulheres negros e negras na construção do Brasil que se amalgama por “Mahins, Marieles, Malês”

O enredo “História para Ninar Gente Grande” surge como um samba que chama o público a conhecer a história do Brasil contada a partir da perspectiva dos “de baixo” ou ainda da classe historicamente marginalizada. Sua letra é a exaltação de personagens deste e de outros tempos, sujeitos que impactaram com seus feitos a história do Brasil e de seu povo.

Seu título já é bastante revelador quanto a mensagem que pretende passar, fazendo uma alusão às histórias que embalam o sono infantil, utiliza-se de certo sarcasmo ao atribuir a historiografia oficial a responsabilidade pelo “[...] torpor social, ou adormecimento dos adultos” (Dorneles, 2019, p. 48) que entorpecidos e sem interesse em buscar conhecer a real história de seu país e de seu povo, alienam-se de suas origens. Assim, a letra “[...] propõe a história do Brasil contada através da visão das classes desfavorecidas pelas configurações dos sistemas de ordem que já vigoraram no país, contestando assim a narrativa oficial que privilegia façanhas e heroísmos concebidos sob uma orientação de valores descendentes do colonialismo (Dorneles, 2019, p. 48).

Essa letra veio para semear muitas dúvidas na cabeça de todos e conseguiu. Muitos foram pesquisar sobre o que se refere a letra e descobriram o que realmente os livros haviam apagado, como nos mostra o artigo, *História para ninar gente grande: o desfile das escolas de samba como espaço para a produção de história pública - um estudo sobre o enredo da Mangueira de 2019* o qual realizou um estudo da métrica de pesquisa para o termo “Estação Primeira de Mangueira e de seus termos associados, que demonstram um aumento de interesse pelo público que utilizou o *Google* para os temas levados para a Avenida pela Mangueira em 2019” (Oliveira, 2020, p. 424).

#### *4.2.1. A diversidade do povo brasileiro e suas lutas expressas nas histórias não retratadas “das mulheres, tamoios, mulatos”*

O samba inicia fazendo um convite ao ouvinte – o Brasil, essa nação que por muito tempo se fez alheia à própria história, a escutar uma história guardada nas suas entranhas, no seu avesso, uma história de luta que os livros não contam, uma história que vem desde 1500 e que revela o quanto a historiografia oficial emoldura a classe dominante e os algozes como heróis, apagando a história daqueles que foram vencidos e com seu sangue retinto construíram o país.

Segundo Souza (2020) a expressão “meu nego” foi uma forma carinhosa que o Brasil foi chamado para que todos entendam o que será falado no trecho seguinte, uma narrativa que a história eurocêntrica que compreendia o mundo civilizado a partir de um modelo ocidental de desenvolvimento não contou, por que a história do Brasil é contada na perspectiva dos vencedores, e principalmente a história é escrita com o sangue dos vencidos. Toda história contada e que conhecemos como verídica é o projeto colonial português escravizador e para conhecermos a verdadeira história, devemos ouvir outras histórias que a história não conta.

Conforme Souza (2020) a Mangureira chega com versos censurados silenciados pela violência. Desde 1.500, no processo de colonização teve mais invasão que descobrimento, nesse momento a escola propõe uma releitura da história do Brasil, mostrando que houve invasão, conquista e principalmente guerra. Descartando e ignorando outras formas de organizações sociais como dos povos originários que viviam nessas terras que hoje conhecemos como Brasil.

Essas afirmações nos mostram que o Brasil não foi descoberto, e sim saqueado e dominado e que já haviam povos originários nessas terras antes da chegada dos portugueses. Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado, mulheres tamoios mulato eu quero um país que não está no retrato, sangue retinto tem sangue negro pisado atrás dos heróis, para não afirmarmos (Ribeiro, 2019). Uma análise de Dornelles (2019) acerca da oficialidade a que se propõe a historiografia presente nos livros nos chama atenção para o reconhecimento de outras formas possíveis de narrativas e contação de histórias, segundo o autor (Dorneles, 2019, p. 51), “É válido observar a aproximação por analogia que se faz à oficialidade do livro, que representa a história contada formalmente, e apaga versos os quais a Mangureira traz

consigo em forma de samba, dessa forma invocando uma tradição de oralidade característica das ascendências negras.”.

A canção segue evidenciando o tensionamento a que se propõe a partir do uso das expressões, “descobrimento e invasão” provocando a reflexão acerca da “[...] disputa entre as narrativas oficiais e anti-oficiais da história do Brasil, respectivamente” (Dorneles, 2019, p. 52). Esse tensionamento leva ao centro da análise duas perspectivas distintas, quais sejam,

[...] a tradicional, que parte de um ponto de vista eurocêntrico, e por isso propõe a chegada dos portugueses no litoral brasileiro no ano de 1500 como uma descoberta [...] e a outra, que estabelece o território brasileiro como um território ocupado previamente a chegada dos portugueses, e, portanto, traduz a posse desse território por parte dos portugueses como uma invasão. (Dorneles, 2019, p. 52 ).

A letra segue na reivindicação da diversidade do povo brasileiro e suas lutas expressas nas histórias não retratadas. Quando afirma , “Brasil, o teu nome é Dandara. Tua cara é de cariri. Não veio do céu nem das mãos de Isabel A liberdade é um dragão no mar de Aracati” (Mangueira, 2019) traz uma série de lutas e personagens históricos que forjaram a trajetória de combate à escravidão e abriram caminhos na luta pela dignidade do povo negro e do do país como um todo.

Iniciando por Dandara, retrata a presença e a importância das mulheres negras na história da luta pela liberdade no Brasil. Dandara heroína, guerreira de Palmares, que lado a lado com Zumbi e com muitos quilombolas resistiram o processo do retorno da escravização, lutando imensamente por liberdade e conseguiram viver novamente como era na África antes de serem sequestrados e violentados com o terrorismo dos portugueses até chegarem na América. Dandara foi presa e se suicidou para não voltar a ser escrava.

Ao apontar ao Brasil que “a tua cara é de cariri”, bem como ao reverenciar os Tamoios e sua luta contra a dominação colonial, traz a trajetória dos indígenas brasileiros diante do genocídio e da dominação, mostrando como estes povos também lutaram e lutam pelo seu direito de existir.

Os indígenas Cariris foi uma população indígena que resistiu ao projeto colonial português, são conhecidos também como Tapuias, nome dado aos povos nômades que geralmente não tinham ligações com as ramificações linguísticas dos Tupis. Os Cariris fizeram um movimento de resistência aos portugueses por 30 anos a partir do final do século XVI, na região nordeste do país (Mangueira, 2019).

Já Tamoios é um nome que se deu na união de várias tribos indígenas como os tupinambás Guaianazes amorés para juntos combaterem os ataques dos portugueses. E está localizada no meio a aldeia de Iperoig, primeiro nome de Ubatuba. A redação Rio Notícias, publicou (2021), uma matéria com o tema, *Os Índios Tamoios – conheça a sua História e costumes que muitos livros não contam*, a reportagem aponta que: “Diversos estudos sobre os antigos povos indígenas do Brasil contam que, até o ano 1500, habitavam o nosso país milhões de índios”.

Alguns estudiosos se arriscam em calcular cerca de 5 milhões, que se dividiam em diversos povos. Nesta mesma matéria, fala também que, Os Tamoios representavam um agrupamento de povos indígenas, que eram identificados pelo idioma falado, o Tupi. O nome Tamoio se destaca porquê, em sua origem, “Tamoio = ta’mõi” que, em tupi, tem o significado de avôs. Ou seja, revelando que os Tamoios representavam o grupo tupi que vivia há mais tempo no litoral brasileiro (Rio Notícias, 2021).

Os Índios Tamoios habitavam uma extensão que ia do litoral norte do estado de São Paulo (Bertioga) até o Vale do Paraíba (Região dos Lagos), no Rio de Janeiro. E nesse território, estava incluída a Baía de Guanabara. Estima-se que a população dos Tamoios se aproximava dos 70 mil índios. Não podemos deixar de explicar algumas características desse povo: Os índios Tamoios dominavam a pesca com arco e flecha e a caça, e as mulheres índias cuidavam do plantio. Os Tamoios eram poligâmicos e aceitavam com naturalidade a homossexualidade (Rio Notícias, 2021).

Os “tamoios” não representavam um único e homogêneo povo indígena, mas na verdade, uma união de líderes de diferentes tribos que, por volta de 1550, formaram uma aliança com os franceses, contra os colonizadores portugueses. Falando nos Tamoios, não podemos deixar de falar sobre suas batalhas. Historicamente, participaram de muitas batalhas entre os franceses e os portugueses. Resistiram bravamente aos confrontos liderados por Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Lutaram na Batalha das Canoas. Mas não resistiram à batalha comandada por Mem de Sá, que conseguiu expulsar os franceses (Rio Notícias, 2021).

A música faz questão de lembrar que a liberdade veio do sangue e do suor de homens e mulheres negros e indígenas e não da benfeitoria branca. O “dragão do mar de Aracati”, a que faz referência, trata-se de Francisco José do Nascimento, um homem negro, filho de pescadores que exercia a função de jangadeiro quando, 1881 liderou uma das greves trabalhadores proluários abolicionistas e se recusou a transportar pessoas escravizadas na sua

jangada. As greves cearenses impulsionaram as lutas pela abolição em todo o Império, influenciando a população de outras províncias a lutar contra a escravidão ( Machado, 2021).

Ainda nessa toada, de trazer à tona os heróis das lutas pela liberdade no Brasil, a letra referencia os Caboclos de Julho, lembrando o dia 2 de julho de 1824, data que se comemora a Independência do Brasil na Bahia, pois somente nesta data, de fato, a luta pela independência foi concluída.

Ao indicar os Caboclos a letra destaca aqueles que lutaram contra a Coroa Portuguesa, denunciando que não foi apenas o pacto de Dom Pedro com as cortes portuguesas, nem o acordo com a Inglaterra, mas também a participação popular. Nisso, dá luz ao protagonismo de Maria Quitéria de Jesus, heroína da independência que resistiu às tropas portuguesas na Bahia e destacou com sua coragem e bravura, no campo de batalha onde a participação das mulheres na vida militar era proibida.

Outra personagem central das lutas pela abolição, reivindicada pelo samba é Luiza Mahin, importante personagem da resistência da escravidão, lutadora da causa da abolição, nascida na Costa Mina na África, no início dos século 19, foi trazida para o Brasil como escrava. Pertencente à tribo Mahi, da nação africana Nagô, Luísa esteve envolvida na articulação de todas as revoltas e levantes de escravos que sacudiram a então Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX (Mangueira, 2019).

Caso o levante dos malês tivesse sido vitorioso, Luísa teria sido reconhecida como Rainha da Bahia. Como negra africana, sempre recusou o batismo e a doutrina cristã, e um de seus filhos naturais, Luís Gama (1830-1882), tornou-se poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil. Descoberta, Luísa foi perseguida, até fugir para o Rio de Janeiro, onde foi encontrada, detida e, possivelmente, deportada para Angola (Strecker, 2023). O livro de Ana Maria Gonçalves, *Defeito de Cor*, é uma importante obra que busca reconstruir a história de Luiza Mahin (Fundação Cultural Palmares, 2013).

A revolta dos Malês, citada na música e que tem Luiza Mahin como importante protagonista, ocorreu a partir de 1835, constituindo-se com uma grande revolta organizada por escravizados que desejavam tomar o poder em Salvador bem como por fim a escravidão, instaurando um governo negro na cidade. Durante o século XIX houveram várias revoltas sendo a mais importante delas a revolta dos Malês, “[...] rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica” havia em Salvador uma grande diversidade de negros oriundos de diferentes procedências cada qual com suas culturas e cultos religiosos, dentre os quais o islã, os haussas e os nagôs (Reis, 2023).

Conhecida como dos "malês", por designar os negros muçulmanos, foram eles os protagonistas da rebelião. A maioria de seus integrantes era composta por "negros de ganho" os quais a época “[...] tinham mais liberdade que os negros das fazendas, podendo circular por toda a cidade com certa facilidade, embora tratados com desprezo e violência.”. Muito embora tenha sido massacrada, “[...] serviu para demonstrar às autoridades e às elites o potencial de contestação e rebelião que envolvia a manutenção do regime escravocrata, ameaça que esteve sempre presente durante todo o Período Regencial e se estendeu pelo Governo pessoal de D. Pedro II. ”. (Reis, 2023).

#### **4.2.2. A crítica à historiografia oficial e aos “heróis emoldurados”**

A música traz uma importante crítica à história oficial, presente nos livros e amplamente estudada, mas que inventa heróis e apaga os lutadores. Ao tratar da liberdade e da abolição, frisa o quanto esta “não veio do céu nem das mão de Isabel” a liberdade é fruto da luta.

A liberdade é luta, é protagonismo do povo negro, é resistência, por isso que a liberdade não é um, “presente do céu nem das mãos de Isabel”, apesar das muitas tentativas das vozes brancas escravocratas de silenciar o protagonismo do povo negro na sua própria história. A frase também se refere a relação que historiografia faz acerca do fim da escravatura a partir da assinatura da lei áurea de 3.353 de 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel do Brasil, todavia, a mesma história não apresenta a perspectiva dos povos africanos, como os Malês, a República de Palmares e tantos outros. Segundo Dornelles (2019, p. 53) “[...] A letra do samba completa a estrofe afirmando que a liberdade não veio do céu, numa alusão a uma libertação divina.” mas sim da luta de milhares de negros ao longo de todo o período em que a escravidão ocorreu.

No que concerne à figura da Princesa Isabel do Brasil, muito embora tenha sido agraciada como heroína nacional por ter assinado a Lei Áurea, há indícios, segundo historiadores, de que a princesa herdeira nunca havia tido interesse pela política brasileira (Silva, 2018).

Mesmo assim, pela sua posição (de herdeira do trono), foi obrigada a assumir o comando do país em três ocasiões. Isso aconteceu em decorrência das viagens do imperador, que se tornaram bastante comuns quando a saúde de D. Pedro II

deteriorava-se. Ela regeu o Brasil em três ocasiões. Em 1870, sendo a responsável por assinar a Lei do Ventre Livre; Entre 1876-1877, tendo que lidar com um conflito entre católicos e maçons; em 1888, quando assinou a Lei Áurea. Não podemos deixar de falar sobre a participação na abolição. (Silva, 2018).

Vale lembrar que o processo de abolição no Brasil não foi algo dado como um presente, mas sim fruto de muita luta e resistência que foram apagadas, como bem já sabemos, em detrimento de um feito normativo/legal que em verdade surge, muito mais por pressões externas de outros países que já reivindicavam o fim da escravatura dado às relações internacionais econômicas que vinham se modificando com o advento da indústria sobretudo nos países europeus, deste modo a abolição da escravatura “[...] não foi um ato de benfeitoria política da princesa, mas foi resultado de um processo de luta que mobilizou a sociedade brasileira e incluiu a luta de diversas pessoas, inclusive os próprios escravos. A manutenção da escravidão naquele momento tornara-se insustentável por uma série de fatores”. (Silva, 2023).

Além disso, o envolvimento da princesa com a causa foi tardio. Os historiadores apontam que ela só se manifestou publicamente sobre o assunto quando a abolição da escravatura parecia ser inevitável e, ao longo da década de 1880, a postura dela foi a de evitar tratar desse assunto publicamente. Ainda existem críticas que apontam que a mudança de postura da princesa foi puramente por razões políticas (Silva, 2023). De toda forma, ela realizou um ato que, provavelmente, seu pai não teria coragem de realizar, e existem relatos que apontam que ela abrigou escravos em sua residência uma vez e também foi vista publicamente portando camélias, flor símbolo da luta abolicionista no Brasil. (Silva, 2023).

Diante da historiografia oficial, que retrata como heróis a classe dominante, que condecora heróis marciais e aqueles que tem o sangue retinto do povo negro nas mãos, o samba nos provoca a tirar “a poeira dos porões”

Tira a poeira dos porões, ou seja, poeira ciclo do esquecimento, mostrando que a dor e luta sofrida pelos povos originários e pelos negros fosse esquecida, mas a Mangueira trouxe a tona o ocorrido e fez lembrar aqueles que fingiam não lembrar e revelar aos que ainda não sabiam, como as crianças e jovens, pois o que eles aprendem nas escolas é uma história inversa da verdadeira país (Mangueira, 2023).

Os porões tanto podem ser dos navios negreiros, onde eram transportados os africanos escravizados e vendidos como escravos, quanto da história violenta e mais recente

da Ditadura Militar (1964-1984, da qual pouco se fala abertamente, mas que expressa a continuidade da violência e do domínio dos heróis emoldurados no país.

Heróis estes que são sacralizados desde o patrono do exército, Duque de Caxias, considerado um oficial muito importante no Brasil, mas que teve suas mãos cobertas de sangue de pessoas negras e pobres, assim como os grandes heróis da independência tão citados em nossa história. Podemos citar também os bandeirantes heróis de São Paulo, quantos sangue eles carregam em suas mãos e pés, também constam outros vários, é questionado quem são esses heróis, que glória heroica seria essa que silencia os massacres e a violência que perpassou quase 400 anos de intensa e sofrida escravidão, com os quilombolas lutando de forma radical contra o regime tapanhunus (Ribeiro, 2019). A letra ainda retrata a escola de samba como sendo responsável por “tirar a poeira” dos porões da história, ao passo em que reconta e retrata os heróis esquecidos, deste modo, a canção,

[...] explicita a escola de samba como arauto dos heróis marginalizados pela narrativa oficial do texto cultural brasileiro, tirando a poeira dos porões da escola de samba onde esses estão guardados, em memória, estes heróis, preparando-se para o carnaval e abrindo espaço para que se contem suas histórias através do desfile que a escola apresenta na avenida.

Diante dos heróis marciais, o samba reverencia “quem foi de aço nos anos de chumbo”, anos da ditadura militar que chega para impedir grandes lutas sociais de pretos e pobres de todo Brasil, foram nesses anos de chumbo em que o símbolo de luta e resistência foi um homem negro, Carlos Marighella, professor, político e importante militante que liderou a resistência contra o regime militar, sua trajetória política ultrapassou dois fortes regimes autoritários ocorridos no Brasil, o Estado Novo (1937-1945), de Getúlio Vargas, e a ditadura militar iniciada em 1964 (Memórias da Ditadura, 2014). Marighella foi considerado uma das principais figuras na resistência contra a ditadura militar, foi perseguido, preso e exilado. Em 1946 dada a abertura democrática com o fim do segundo governo de Vargas recebe anistia, retorna ao Brasil e elege-se como deputado federal constituinte pelo PCB.

Dada as relações políticas do governo Dutra, sucessor de Vargas, com o Estado americano e sua luta mundial anti-comunista, propagada pelo então presidente Harry Truman, Marighella tem seu mandato cassado. Retomando a clandestinidade irá ocupar diversos cargos na direção partidária do PCB até que em 1967 será expulso por divergências com os demais integrantes do partido o que culminará na fundação naquele mesmo ano da Ação Libertadora Nacional, composta por dissidentes do partido.

A intensificação da repressão do regime militar brasileiro no ano de 1969 terá em Marighella seu principal alvo, “[...] Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi surpreendido por uma emboscada e morto a tiros por agentes do Dops, em uma ação gigantesca coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. A morte de Marighella marcou a história da resistência armada urbana à ditadura militar no Brasil. A ALN continuou em atividade até o ano de 1974.”. (Memórias da Ditadura, 2014). Este breve relato acerca de Marighella, serve para rememoramos seu protagonismo político tão relevante e duramente silenciado num dos períodos mais densos da história brasileira, como ainda para enfatizar que Marighella, era homem negro neto de negros do Sudão que foram sequestrados e trazidos como escravos para o Brasil, ou seja, Carlos Marighella tinha a resistência e a luta correndo em suas veias, e ao enfrentar a ditadura, deu voz a toda uma geração, negra e branca que fora morta e oprimida pelos sistemas despóticos que marcaram o Brasil pós Colônia.

#### **4.2.3. A trajetória de importantes homens e mulheres negros e negras na construção do Brasil que se amalgama por Marias, Marieles, Lecis e Jamelões**

Antes de adentrarmos na análise acerca das importantes personalidades negras contemporâneas citadas pelo samba-enredo, faremos algumas considerações sobre o papel atribuído à mulher negra na sociedade brasileira, para então apresentarmos as heroínas citadas pela letra aqui analisada. Para isso, partiremos de observações e estudos de Lélia Gonzalez apresentados em sua obra, *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020).

Gonzalez (2021, p. 11), dirá que não há como pensar em dominação, sobretudo dominação ideológica sem relacionar com a situação vivenciada pelas mulheres negras sequestradas e feitas escravas no Brasil. Fora constituída uma noção estereotipada que serviu para subjugar e explorar os corpos destas mulheres afetando por isso toda uma geração que se verá marginalizada desde sua inserção na escola e no mercado de trabalho até em aspectos mais subjetivos como em seus relacionamentos, uma vez que expostas a todo tipo de exploração, tiveram seus corpos violentados através de estupros que a época da colonização serviram como reprodução de força de trabalho escrava, mas que para além disso, serviram aos “prazeres” de homens brancos, o que ocasionou na dita “misigenação entre brancos e negros”.

Gonzalez (2011) chama atenção para a importância de enfrentarmos e desconstruirmos o mito da democracia racial, umas das falácias que melhor escamoteiam a

luta e resistência da população negra sobre o signo de uma pretensa igualdade (nunca vista) entre negros e brancos. O mito da democracia racial é uma afronta a todas as mulheres negras que foram e são exploradas por serem negras, a autora (González, 2021, p. 184) resume perfeitamente a relação entre a pretensa “democracia racial” e a exploração das mulheres negras no trecho que se segue,

É por aí que a gente deve entender que esse papo de que a miscigenação é prova da “democracia racial” brasileira não está com nada. Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil”, de que é “boa de cama” (mito da mulata) etc. e tal.

Deste modo a autora (González, 2021), afirma o quanto a violência sexual dos corpos negros femininos contribuíram para a consolidação do mito da mulata, enraizado na mente de todos, incluindo homens e mulheres negros(as), haja vista que esta ideologia ganha força por uma falsa exaltação da mulher negra que em realidade a expõe ainda mais a violências de cunho sexual e moral.

Logo após a abolição, a mulher negra foi e continua sendo muito importante para a coletividade negra, a mulher negra empreende, luta pelos direitos de seu povo nos coletivos negros entre tantas outras coisas. No livro *Feminismo Latino Americano*, relata que, no período que imediatamente sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de cidadãos iguais perante a lei, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade (González, 2021).

Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos (González, 2021).

Acordar às três ou quatro horas da madrugada para adiantar os serviços caseiros e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente, alguns homens ainda consideram a mulher negra fogosa, boa de cama, mas fica por aí o interesse por essas mulheres. Quando nos referimos ao trabalho, em alguns casos, ainda a mulher branca é melhor remunerada que a mulher negra, isso geralmente já começa no próprio enunciado da

vaga, mulher de boa aparência e com escolaridade de ensino médio completo ou superior completo ou finalizando. Neste caso, a mulher negra ao olhar de muitos, não tem a aparência desejável e por precisar trabalhar cedo para ajudar no sustento da família, mal consegue terminar o ensino fundamental, e assim, a poucas oportunidades de trabalho para a mulher negra seria o serviço doméstico entre outros trabalhos de baixa remuneração (González, 2021).

Nestas análises acerca das representações sobre mãe preta e mucama, doméstica e mulata, destacava-se a questão dos estereótipos em torno da mulher negra que limitavam seu lugar na sociedade. De mucama a mulata profissional, de mãe preta a doméstica, para as mulheres negras a linha entre a esfera doméstica e o mundo do trabalho permanecia imprecisa. E ainda permanece, pois trata-se de uma pauta importante na agenda do feminismo negro contemporâneo (González, 2021).

A seguir, ao focarmos nossa atenção na letra do samba-enredo daremos destaque a Leci Brandão, mulher negra e importante símbolo da cultura afro-brasileira e da luta negra no Brasil,

Leci Brandão da Silva, nascida em 12 de setembro no ano de 1944 na cidade do Rio de Janeiro. É uma cantora, compositora e política brasileira. Uma das mais importantes intérpretes de samba da música popular brasileira. Começou sua carreira no início da década de 1970, tornando-se a primeira mulher a participar da ala dos compositores da Mangueira. Leci já gravou 26 obras aproximadamente. Participou do Festival MPB-Shell promovido pela Rede Globo, em 1980, com a música "Essa Tal Criatura" (Pinto, 2022).

Em 1985, gravou "Isso É Fundo de Quintal". Em 1995, foi a intérprete do samba-enredo da Acadêmicos de Santa Cruz durante o carnaval. Atuou na telenovela Xica da Silva como a líder quilombola Severina. Escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Walter Avancini, a telenovela foi exibida pela TV Manchete entre 1996 e 1997. Entre 1984 e 1993, Leci foi comentarista dos desfiles das Escolas de samba do Rio de Janeiro pela TV Globo. Após uma pausa de seis anos, voltou a comentar o Carnaval Carioca de 2000 a 2001. Entre 2002 e 2010 comentou os desfiles das Escolas de samba de São Paulo pela mesma emissora (Pinto, 2022).

Foi Conselheira da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher a convite do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, permanecendo nos Conselhos por dois mandatos (2004 a 2008). Leci completou 40 anos de carreira artística em 2015 e lançou um novo trabalho, 'Simples Assim –

Leci Brandão’, em 2016. Por este trabalho, foi premiada na categoria melhor cantora de samba na 29ª edição do Prêmio da Música Brasileira. Atualmente, Leci Brandão se dedica à carreira musical e ao parlamento paulista. Na última reeleição, Leci se tornou a primeira mulher negra a cumprir 4 mandatos consecutivos na história da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo (ALESP) (PINTO, 2022).

Outra personalidade homenageada e que fez desse samba tão simbólico um grito de revolta no Brasil é Marielle Franco, mulher negra, da comunidade da Maré, vereadora da cidade do Rio de Janeiro que foi assassinada por lutar pelas causas da periferia, assassinada por querer que sua voz fosse ouvida. (Observatório das Metrópoles, 2023).

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1979, Rio de Janeiro, 14 de março de 2018. Foi uma socióloga e política brasileira, Mari como era conhecida entre suas amigas, amigos e colegas de trabalho, apresentava-se recorrentemente como mulher, negra, mãe, socióloga e cria da Maré. Agora, Marielle Franco, passa a ser também símbolo de luta de todas as mulheres que desejam um mundo livre de opressões. Não à toa, a frase, Marielle é semente, tomou conta do mundo. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiro junto com seu motorista Anderson Pedro Matias Gomes, no Estácio, região central do Rio de Janeiro (Observatório das Metrópoles, 2023).

Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação (Observatório das Metrópoles, 2023).

Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Filha de Marinete Francisco e Antonio da Silva Neto. Com criação católica, nasceu e cresceu em uma favela do complexo da Maré, no subúrbio carioca, e se apresentava com orgulho como cria da Maré. Em 1990, com 11 anos, começou a trabalhar como camelô com seus pais, juntando dinheiro para ajudar a pagar seus estudos. Em 2000, começou a militar pelos direitos humanos, depois de uma de suas amigas ser atingida fatalmente por uma troca de tiros entre policiais e traficantes na Maré (Observatório das Metrópoles, 2023).

Em 2016, na sua primeira disputa eleitoral, foi eleita vereadora na capital fluminense pela coligação Mudar é possível, formada pelo PSOL e pelo PCB. Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada no município e a segunda mulher mais votada ao cargo de

vereadora em todo o país, atrás apenas de Rosa Fernandes (Observatório das Metrôpoles, 2023).

Na Câmara Municipal, presidiu a Comissão de Defesa da Mulher e integrou uma comissão composta por quatro pessoas, cujo objetivo era monitorar a intervenção federal no Rio de Janeiro, sendo escolhida como sua relatora em 28 de fevereiro de 2018. Era crítica da intervenção federal, assim como criticava e denunciava constantemente abusos policiais e violações aos direitos humanos (Observatório das Metrôpoles, 2023).

Como vereadora, Franco também trabalhou na coleta de dados sobre a violência contra as mulheres, pela garantia do aborto nos casos previstos por lei e pelo aumento na participação feminina na política. Em pouco mais de um ano, redigiu e firmou dezesseis projetos de lei, dois dos quais foram aprovados: um que regulou o serviço de mototáxi e a Lei das Casas de Parto, visando a construção desses espaços cujo objetivo era fornecer a realização de partos normais (Observatório das Metrôpoles, 2023).

Suas proposições legislativas buscavam garantir apoio aos direitos das mulheres, à população LGBTQIA+, aos negros e moradores de favelas. Em agosto de 2017, os vereadores cariocas rejeitaram, por 19 a 17, sua proposta para incluir o dia da visibilidade lésbica no calendário municipal (Observatório das Metrôpoles, 2023).

Em 14 de março de 2018, Marielle chegou à Casa das Pretas, na rua dos Inválidos, na Lapa, para mediar um debate promovido pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com jovens negras, por volta das dezenove horas. Segundo imagens obtidas pela polícia, um Cobalt com placa de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, estava parado próximo ao local.

Em novembro de 2018, a Anistia Internacional incluiu o nome de Franco em sua campanha para aqueles que escreveram pelos direitos humanos e perderam suas vidas, enquanto em dezembro do mesmo ano um tributo online listou Franco entre mais de 400 principais defensores dos direitos das mulheres pela Associação para os Direitos da Mulher no Desenvolvimento (Observatório das Metrôpoles, 2023).

Outro importante sujeito mencionado pela emblemática canção da Mangueira é José Bispo Clementino dos Santos, mais conhecido como Jamelão, nascido em 12 maio de 1913 no Rio de Janeiro e falecido em 14 de junho de 2008 com 95 anos. Seu gênero musical era o samba, samba canção e samba-enredo. Jamelão era um cantor e sua extensão vocal era tenor, seu período de atividade foi de 1941 a 2006. Sua filiação, Francisco Alves e Lupicínio Rodrigues. Foi um grande cantor tradicional brasileiro e um dos principais intérpretes de

sambas da escola de samba estação primeira de mangueira. José Bispo Clementino dos Santos (Matta, 2019).

Nasceu no bairro da Corcundinha e passou a maior parte da juventude no Engenho Novo, para onde se mudou com seus pais. Lá, começou a trabalhar, para ajudar no sustento da família - seu pai havia se separado de sua mãe. Levado por um amigo músico conheceu a Estação Primeira de Mangueira e se apaixonou pela escola de samba. Ganhou o apelido de Jamelão na época que se apresentava em gafieiras da capital Fluminense. Começou muito jovem tocando tamborim na bateria da mangueira e depois tornou-se um dos principais intérpretes da escola. Foi corista do Francisco Alves e, numa noite, assumiu o lugar dele para cantar uma música de Herivelto Martins, com isso veio a consagração como cantor de samba.

Nessas pequenas biografias explicitadas acima, é possível compreender o motivo de a Estação primeira de Mangueira ter elegido estas personalidades para serem exaltadas em seu samba, haja vista as importantes trajetórias que constituíram a vida de cada uma destas importantes representações do samba, cultura e da política, sobretudo para a população negra (Matta, 2019).

Antes de fechar esse trabalho, e incrementando o rol de heróis e heroínas citados no samba, trazemos para reverenciar uma grande heroína no Brasil, moradora da capital de Santa Catarina, Florianópolis. Antonieta de Barros, que no dia 30 de janeiro de 2023, foi incluída no livro de heróis e heroínas da pátria. Esse é mais um importante reconhecimento, a primeira deputada negra no Brasil tendo seu nome inscrito como heroína. O ato foi publicado no diário oficial e sancionado pelo presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, da lei 14.518/2023. Nessa lei o governo federal confirma a inclusão de Antonieta de Barros, na lista de grandes personalidades da história nacional (Barbosa, 2023).

A professora e jornalista Antonieta de Barros nasceu em Florianópolis, em 1901. Negra e de origem humilde, é reconhecida por muitos como uma figura revolucionária. Fundou a própria escola, onde deu aulas para moradores carentes. Dedicou-se principalmente na luta contra os preconceitos de cor, classe e gênero no Brasil, e no combate ao analfabetismo de pessoas em vulnerabilidade social (Barbosa, 2023).

Foi eleita a primeira mulher negra deputada estadual do Brasil, em 1934. Enquanto parlamentar, Antonieta foi a autora da Lei que criou o Dia do Professor, celebrado nacionalmente em 15 de outubro. Educar é ensinar os outros a viver; é iluminar caminhos alheios; é amparar debilitados, transformando-os em fortes; é mostrar as veredas, apontar as

escaladas, possibilitando avançar, sem muletas e sem tropeços; é transportar às almas que o Senhor nos confiar, à força insuperável da Fé (Barbosa, 2023).

Nos anos de 1920, iniciou as atividades de jornalista produzindo muitos textos, fundou e dirigiu o jornal *A Semana*, em Florianópolis, entre os anos de 1922 e 1927, dirigiu o periódico *Vida Ilhoa*, na mesma cidade, 1930. No documento, memórias políticas de Santa Catarina/biografia de Antonieta de Barros, trás que com as Suas crônicas disseminavam suas idéias, principalmente aquelas ligadas às questões da educação, aos desmandos políticos, à condição feminina e ao preconceito racial (Barbosa, 2023).

Na década de 1930, trocou correspondência com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), comprovadas por cartas entre ela e Bertha Lutz, guardadas atualmente no Arquivo Nacional. O documento Memórias políticas de Santa Catarina, ainda nos revela que Antonieta escreveu vários artigos para jornais locais e o livro *Farrapos de Idéias*, em 1937, com o pseudônimo de “Maria da Ilha”. Fez parte do Conselho Deliberativo da Associação Catarinense de Imprensa, a partir de 1938 (Barbosa, 2023).

Em Florianópolis, lecionou na Escola Normal Catarinense (ensinava português e literatura, a partir de 1934), no Colégio Coração de Jesus e no Colégio Dias Velho, neste último foi Diretora, de 1937 a 1945. Foi professora da escola atualmente denominada Instituto Estadual de Educação, entre os anos de 1933 e 1951. No período de 1944 a 1951 foi a Diretora da mesma escola, nomeada por Nereu Ramos. Depois de atuar na direção, ela se aposentou aos 50 anos, mas continuou ensinando até o fim de sua vida. A história de Antonieta de Barros é muito rica de fatos importantes ocorrido na luta e resistência do povo negro e da luta feminista, juntamente com as pessoas em vulnerabilidade social (Barbosa, 2023).

Antonieta de Barros é símbolo de conquista e resistência para todas as mulheres negras brasileiras, sendo exemplo para todos. Muito embora o samba-enredo analisado neste trabalho não tenha apresentado esta importante figura, nos coube dado a temática da pesquisa e a aproximação de sua autora com o samba, rememorar Antonieta e por fim citar que a mesma foi também homenageada em 2020 pelo Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado com seu enredo em que destaca também a luta e resistência do povo negro, tendo Antonieta como exemplo de luta para a cidade catarinense, “Se o amanhã pede socorro asfaltos e morros verão renascer milhares de Antonietas provando que o povo também tem poder, o povo também tem poder [...]” (Consulado, 2020) (Barbosa, 2023).

Por fim destacamos a importância do samba-enredo aqui analisado, enquanto uma releitura da história que conformou este país, daqueles sujeitos e sujeitas que contribuíram e fizeram parte desta história mas que devido a uma ideologia de controle e dominação foram apagados. Esta música nos apresenta uma outra história, uma outra perspectiva, uma outra sociabilidade, um outro protagonismo. Que nós consigamos ter sensibilidade para ouvirmos outras vozes e olhar a história de outra forma para que possamos construir coletivamente, de forma plural e diversa, o futuro do nosso país.

## **5 CONCLUSÃO**

*“samba/ agoniza mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ antes do suspiro derradeiro/ samba/ negro forte destemido/ foi duramente perseguido/ nas esquinas, nos botequins e nos terreiros/ samba/ inocente pé no chão/ a fidalguia do salão/ te abraçou/ te envolveu/ Mudaram toda a sua estrutura / te impuseram outra cultura/ e você nem percebeu”*  
(Nelson Sargento, “Agoniza mas não morre”)

Ao final desta pesquisa, constatamos que muito embora tenha-se dado a tão proclamada abolição da escravidão a população negra segue sendo a maioria a ter de enfrentar as inúmeras expressões da questão social, o que implica na permanência de desafios impostos à busca de conquistar melhores condições de vida, incluindo trabalho digno, moradia e educação, direitos sociais básicos. Apesar dos avanços legislativos, a desigualdade persiste, impactando a qualidade de vida da população negra, especialmente no acesso à educação e ao mercado de trabalho. Nossa investigação suscitou diversas reflexões, como, por exemplo, por que mesmo com educação, os negros enfrentam maiores desafios na busca por empregos em comparação aos brancos? Porque as mulheres negras, ao concorrerem a uma vaga, frequentemente enfrentam maiores obstáculos do que as mulheres brancas, recebendo ofertas menores?

A persistência da ocupação em postos de trabalho precarizados e informais nos quais a população negra é maioria resulta de uma estrutura social que se constituiu com base em estereótipos negativos sobre a população negra, contribuindo para sua marginalização e o apagamento de suas raízes, estereótipos que derivam de 400 anos de escravidão, período que não foi vivido pela população negra de forma passiva, outrossim, através de muita luta e resistência, como trouxemos ao longo do trabalho.

O levantamento bibliográfico realizado nas diversas fontes citadas foi essencial para apresentarmos com maior propriedade as condições desumanas a que os negros foram submetidos, mesmo após o fim da escravidão, como ainda para enfatizar o protagonismo negro na luta por liberdade na tentativa de irmos na contramão do que propaga a narrativa usual, que evidencia o movimento abolicionista como um movimento majoritariamente branco e burguês.

A relevância de evidenciarmos a escravização da população negra como um elemento central na formação do Brasil, é uma tentativa de reafirmar a real historiografia por

muito tempo escamoteada por uma branquitude brasileira que se forjou amparada no mito da demoracia racial, como se o Brasil fosse um país onde negros e brancos tivessem acesso as mesmas oportunidades, o que a presente pesquisa espera ter evidenciado como mais uma farsa que insistem em nos contar.

Neste cenário surge o samba e o carnaval como elementos centrais das análises aqui realizadas, ao buscar aproximação com as letras apresentadas objetivamos dar centralidade a esta expressão artística que retrata através de suas letras, um país nunca antes visto, rememorando feitos e personagens apagados pela historiografia oficial como uma expressão cultural que emana luta e resistência, luta pois para narrar as histórias dos povos oprimidos deste país fora preciso enfrentar inúmeros percalços ao longo de seu caminho até ser aceito como gênero musical de valor, como em verdade sempre foi, e resistência, pois ao ter de enfrentar inúmeras tentativas de apagamento de suas origens, este gênero musical segue até nossos tempos, cada vez mais forte e em evidência exaltando em suas letras e melodias a história real do povo brasileiro. Com isso, concluímos que nossos objetivos foram contemplados, todavia, ressaltamos a necessidade de ampliar e aprofundar os estudos acerca da cultura afro-brasileira e africana, tanto nas escolas de educação básica até as universidades e institutos federais, essa é a história de nosso país e não devemos esquecê-la jamais! Perdoamos, mas nunca esqueceremos!

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Antonieta de Barros**: uma heroína brasileira. Florianópolis: Editora Mulheres. Florianópolis. Editora Mulheres. 2023.

BRAZ, Marcelo. O samba entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil. *In*: BRAZ, Marcelo (org.). **samba, cultura e sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 75-94

CAMPAGNOLI, Adriana de Fátima Pilatti Ferreira; NEIVERTH, Elisabeth Mônica Hasse Becker. Uma breve análise da incidência do inc. XII do art. 7º da Constituição da República para os empregados domésticos. *In*: GUNTHER, Luiz Eduardo; MANDALAZZO, Silvana Souza Netto (coord.); BUSNARDO, Juliana Cristina; VILLATORE, Marco Antônio César. **Trabalho doméstico**: teoria e prática da emenda constitucional 72. 2013. Curitiba: Juruá, 2013, p. 15-25.

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 94-12 Disponível em: [seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8861/5102](http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8861/5102) 2009. Acesso em: 20 ago. 2023.

DORNELLES, Israel andrade. **O carnaval como comunicação**: uma análise do samba-enredo “História para ninar gente grande”. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

DUARTE, Marcelo. Mangueira. **Guia dos Curiosos**, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.guiadoscuriosos.com.br/curiosidades/perguntas-curiosas/carnaval/escolas-de-samba/mangueira/mangueira/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba**: sujeitos celebrantes, objetos celebrados. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade. 2002.

FENAE AGORA. Sambista do Estácio criou a expressão "escola de samba". 2013. Disponível em: <https://fena.org.br/portal/data/files/FF8080811706ED20011744AB8AC973D6/Ismael%20Silva.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Personalidades negras - Luísa Mahin. 2013. Disponível em: [palmars/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-luisa-mahin](http://palmars/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-luisa-mahin). Acesso em: 15 nov. 2023.

GELEDÉS. **Dos movimentos abolicionistas á lei áurea, o fim da escravidão no brasil**. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dos-movimentos-abolicionistas-a-lei-aurea-o-fim-da-escravidao-no-brasil/>. Acesso em: 11 out. 2023.

GELEDÉS. **A desafricanização do samba**: por Nei Lopes. 2013. Disponível em: [geledes.org.br/a-desafricanizacao-do-samba-por-nei-lobes/](http://geledes.org.br/a-desafricanizacao-do-samba-por-nei-lobes/). Acesso em: 11 out. 2023.

GOULART, Juliana. **Vida carioca**. Disponível em: <https://vidacarioca.net/autora-blog-juliana-goulart/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o Poder**. Movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LIMA, Augusto de. Samba, história e a questão racial e social. *In*: BRAZ, Marcelo (org.). **samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 95-120.

LOPES, Nei. **Desafricanização do samba**. *In*: BARBOSA, Rui. **samba: o ritmo que o Brasil cantou**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. p. 11-30.

LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido-alto, chula, calango e outras cantorias**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MACHADO, Leandro. A descoberta do túmulo de Dragão do Mar, jangadeiro cearense que ajudou a derrubar a escravidão no Brasil. **BBC Brasil**, São Paulo, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56034928>. Acesso em: 10 set. 2023.

MANGUEIRA. **Histórias para ninar gente grande**. Enredo apresentado pela Estação Primeira de Mangueira no Carnaval de 2019. Rio de Janeiro: Mangueira, 2019.

MATTA, Pedro Paulo. **Memórias de jamelão, a voz da mangueira, da dor-de-cotovelo e de outras franquezas**. 2019. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/posts/246448/memorias-de-jamelao-a-voz-da-mangueira-da-dor-de-cotovelo-e-de-outras-franquezas>. Acesso em: 26 set. 2023.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Biografias da resistência: Carlos Marighella. 2014. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/carlos-marighella/#:~:text=Foi%20um%20dos%20principais%20organizadores,aos%20vinte%20anos%20de%20idade>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a luta de classes no Brasil. **Revista Debate Sindical**, ano 9, n. 20, p. 43-48, dez./fev. 95-96. Disponível em: <https://issuu.com/cesforma/docs/revistadebatesindical20>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MOURA, Clóvis. **O Negro, de bom escravo a mau cidadão?** 2. ed., São Paulo: Dandara, 2021.

MOURA, Clóvis. **As raízes do protesto negro**. São Paulo: Dandara, 2023.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Lei Eusébio de Queiroz**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/lei-eusebio-de-queiros.htm/>. Acesso em: 11 out. 2023.

NABOR, JÚNIOR. O Menelick 100 anos: vida, morte e ressurreição da imprensa negra paulista. **Revista O Menelick 2º Ato**. jul. 2015. Disponível em: [omenelick2ato.com/historia-e-memoria/o-menelick-100-anos](http://omenelick2ato.com/historia-e-memoria/o-menelick-100-anos). Acesso em: 9 nov. 2023.

NEVES, Victor. Desde que o samba é samba: roteiros para estudos. *In*: BRAZ, Marcelo (org.). **samba, cultura e sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 121-142.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Dicionário de Favelas Marielle Franco alcançou mais de 1.500 verbetes na plataforma sobre favelas e periferias**. 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/dicionario-de-favelas-marielle-franco-alcançou-mais-de-1-500-verbetes-na-plataforma-sobre-favelas-e-periferias/>. Acesso em: 28 set. 2023.

OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de. **História para ninar gente grande**: o desfile das escolas de samba como espaço para a produção de história pública - um estudo sobre o enredo da mangueira de 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/38504>. Acesso em: 26 set. 2023.

PEREIRA, Dulce Maria. A face negra do Brasil multicultural. **Fundação Cultural Palmares**. 2012. Disponível em: [dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000073.pdf#:~:text=O%20Brasil%20tem%20a%20maior,negra%20maior%20que%20a%20brasileira](http://dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000073.pdf#:~:text=O%20Brasil%20tem%20a%20maior,negra%20maior%20que%20a%20brasileira). Acesso em: 26 set. 2023.

PINTO, Tania Regina. Leci Brandão, primeira mulher negra, homossexual, na ala de compositores da Mangueira. **Primeiros Negros**, 2022. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/leci-brandao-primeira-mulher-na-ala-de-compositores-da-mangueira/>. Acesso em: 26 set. 2023.

PORTUGUÊS, Alfredo; SARGENTO, Nelson; CARTOLA, Agenor de Oliveira. **Samba do operário**. Brasil: Rio de Janeiro, 1948.

REIS, João José. Revolta dos Malês. **Portal Multirio**, 2023. Disponível em: [https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/rev\\_males.html#negros\\_de\\_ganho](https://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/rev_males.html#negros_de_ganho). Acesso em: 20 set. 2023.

RIBEIRO, Tayguara. Mangueira mostra enredo com forte conteúdo político e emocional público. **Brasil de Fato**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/05/mangueira-mostra-enredo-com-forte-conteudo-politico-e-emocional-publico>. Acesso em: 10 ago. 2023.

RIO NOTÍCIAS, **Os Índios Tamoios**: conheça a sua história e costumes. 2021. Disponível em: <https://rionoticias.com.br/os-indios-tamoios-conheca-a-sua-historia-e-costumes/>. Acesso em: 26 set. 2023.

SANTANA, Bianca *et al.* **Jovens negros e o mercado de trabalho**. São Paulo: Afro Cebrap: Peregum, 2022. Disponível em: <https://peregum.org.br/publicacao/jovens-negros-e-o-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 11 out. 2023.

SANTOS, Renan Rosa dos. Ideias e ações pela integração negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932). 2021. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Guarulhos, Guarulhos, 2021.

SCHUTZ, Nathália Chichôrro. **Trabalho doméstico no Brasil**: uma perspectiva social, racial, de gênero e as conquistas jurídicas. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Graduação em Direito, Florianópolis, 2019.

SILVA, Daniel. Tráfico negreiro. **Brasil Escola**, 2018. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/historiab/trafico-negreiro.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

SILVA, Marcelo. Os bailes, as casas e a rua. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOUZA, Rodrigo Basílio Pereira de. Análise do samba-enredo da Mangueira 2019. **Canal Prof. Basílio Historiando**. 1 vídeo (10:25 min). 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fy47bc\\_Nrvk&t=177s](https://www.youtube.com/watch?v=fy47bc_Nrvk&t=177s). Acesso em: 26 set. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. A origem das escolas de samba. **Ocupação Itaú Cultural**, 2016. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/cartola/palacio-do-samba/>. Acesso em: 11 out. 2023.

STRECKER, Marion. História para ninar gente grande. **Revista Select 43**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/editora3/docs/select\\_20190522\\_43](https://issuu.com/editora3/docs/select_20190522_43) Acesso em: 10 nov. 2023.

TOKARNIA, Mariana. Jovens negros têm menos acesso ao mercado de trabalho, diz pesquisa. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-11/jovens-negros-tem-menos-acesso-ao-mercado-de-trabalho-diz-pesquisa>. Acesso em: 11 out. 2023.

TURETA, César; ARAÚJO, Bruno Félix Von Borell de. Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 111–129, jan. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/fcWnCxgSvqbC6SyRdQWtxBN/#>. Acesso em: 20 set. 2023.

VARGUES, Guilherme Ferreira. **Sambando e lutando**: as escolas de samba do Rio de Janeiro e as trajetórias de Paulo da Portela e Antônio Candeia. In: BRAZ, Marcelo (org.). **samba, cultura e sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 201-218.

VIEIRA, Fabiolla Falconi. **O samba pede passagem**: o uso de sambas-enredo no ensino de história. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ensino da História, Florianópolis, 2016.